



## Universidades Lusíada

Boas, Sérgio Manuel Barreiro Vilas

### **Redesenho do espaço público para a vivência slow : o caso da zona da muralha aveirense**

<http://hdl.handle.net/11067/1962>

#### **Metadata**

**Issue Date** 2015

**Abstract** A vida social no Espaço Público hoje é reduzida à presença de pessoas mais idosas, as quais desde sempre cresceram com a noção de que, as praças, por exemplo, são o centro da vida social. Percebe-se que as gerações mais jovens frequentam com mais regularidade os centros comerciais, essa nova tipologia do espaço público, mas que é privada, e assim abandonam-se as praças, os largos, os terreiros, no geral, os espaços públicos descobertos, que se encontram espalhados pelas cidades e eram geradores ...

The social life in the public space is now reduced to the presence of older people, who have always grown up with the notion that, the squares, for example, are the center of social life. It is noticed that the younger generations attend more regularly the shopping centers, this new type of public space, but private, and so they leave the streets, the squares, the terraces, in general, public spaces discovered, that they are spread through the towns and were are generating relationships be...

**Keywords** Espaço Público, Cidades, Dinamização Urbana

**Type** masterThesis

**Peer Reviewed** No

**Collections** [ULF-FAA] Dissertações

This page was automatically generated in 2022-01-09T12:56:53Z with information provided by the Repository



**UNIVERSIDADE LUSÍADA DE VILA NOVA DE FAMALICÃO**

**Faculdade de Arquitectura e Artes**

**REDESENHO DO ESPAÇO PÚBLICO PARA A VIVÊNCIA SLOW**

**O caso da zona da Muralha Aveirense**

**Sérgio Manuel Barreiro Vilas Boas**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre

**Orientador: Professor Dr. Francisco Peixoto Alves**

Vila Nova de Famalicão, 2015







**"Não há no mundo exagero mais belo que a gratidão."**

LA BRUYÈRE, Jean de

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus familiares, aos meus amigos, aos meus professores e a todos aqueles que se cruzaram comigo nesta longa jornada. Obrigado.



# **ÍNDICE**



<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>V</b>
<b>ÍNDICE</b>	<b>VII</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b>	<b>XI</b>
<b>RESUMO</b>	<b>XXV</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>XXVI</b>
<b>PALAVRAS-CHAVE</b>	<b>XXVII</b>
<b>KEY-WORDS</b>	<b>XXVIII</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS</b>	<b>XXIX</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>XXX</b>
<b>CAPITULO I - O ESPAÇO PÚBLICO E QUALIFICAÇÃO DE VIDA NA CIDADE</b>	<b>36</b>
1.1 - As formas da cidade.	36
1.1.1 - Forma Orgânica.	37
1.1.2 - Forma Clássica.	39
1.1.3 - Forma Jardim.	41
1.1.4 - Forma Modernista.	43
1.1.5 - Forma Urbano-Campestre.	46
1.1.6 - As formas vão sendo re-criadas.	47
1.2 - A Evolução da Cidade.	50
1.3 - O Espaço Público e a qualificação de vida na cidade.	54
1.3.1 - O Espaço Público.	55
1.3.2 - A falência do Espaço Público.	59
1.3.2.1 - A perda da capacidade de resposta.	59
1.3.2.2 - A ausência de práticas sociais.	62
1.3.3 - A urgência de novas dinâmicas do Espaço Público.	65
1.3.3.1 - A necessidade de resgatar o E. P.	65
1.3.3.2 - A Vivência Slow como resposta.	69
1.3.3.3 - The High Line - O Redesenho para a Vivência Slow.	72
<b>CAPITULO II - O ESPAÇO PÚBLICO PARA A DINAMIZAÇÃO DA ÁREA DA MURALHA EM AVEIRO.</b>	<b>77</b>
2.1 - Aveiro, a “Veneza Portuguesa”.	77
2.1.1 - Identidade de Aveiro.	77
2.1.2 - Muralha Aveirense.	80

<b>2.2 - Projectos de Referência.</b>	<b>83</b>
<b>2.2.1 - As re-criações dos limites do Muro de Berlim.</b>	<b>83</b>
<b>2.3 - Ensaio Projectual na área da Muralha Aveirense.</b>	<b>88</b>
<b>2.3.1 - A recuperação da memória da Muralha Aveirense.</b>	<b>88</b>
<b>2.3.2 - Centro Expositivo como agente de vivência Slow.</b>	<b>93</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>XCIX</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>CI</b>
<b>PUBLICAÇÕES</b>	<b>CIV</b>
<b>WEBGRAFIA</b>	<b>CV</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>CVII</b>



## **ÍNDICE DE FIGURAS**

### **FIGURA 1: Thank You!** - Pág.iii

Fonte: s/autor; Thank You [consultado em 07 de Agosto de 2015], disponível em: <<http://deedees-jazz.com/wp-content/uploads/2015/06/1421178042197.jpeg>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 2: Vista Aérea da Cidade do Porto**- Pág.35

Fonte: s/autor; s/título [consultado em 19 de Maio de 2014], disponível em: <<https://www.google.pt/maps/@41.1562119,-8.6333902,2305m/data=!3m1!1e3>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 3: Planta Medieval, Bruges** - Pág.38

Fonte: Rock; Planta da cidade de Bruges (Braun e Hogemberg, 1572) [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <[http://olhonahistoria.blogspot.pt/2011/07/atividades-de-historia-medieval\\_15.html](http://olhonahistoria.blogspot.pt/2011/07/atividades-de-historia-medieval_15.html)>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 4: Camillo Sitte** - Pág.38

Fonte: ALOBAIDLI, Hanan; Camillo Sitte [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <<http://blogs.qu.edu.qa/qatarurbanism/urban-design-in-history/the-relationship-between-buildings-monuments-and-public-squares-the-enclosedcharacter-of-public-square/>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 5: Hipódamo** - Pág.40

Fonte: MUÑOZ, Alberto Mengual; Hipódamo de Mileto [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <[http://www.urbipedia.org/index.php?title=Hipodamo\\_de\\_Mileto](http://www.urbipedia.org/index.php?title=Hipodamo_de_Mileto)>, editada pelo candidato.

**FIGURA 6: Vista aérea da cidade renascentista, Palma Nuova** - Pág.40

Fonte: MACHADO, Carla; Palma Nuova [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <<http://arquitecturaurbanismo-usaz.blogspot.pt/2014/11/renascimento-desenho-urbano-continuacao.html>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 7: Esquema-modelo Cidade Jardim** - Pág.42

Fonte: BOOS, Florence S.; Garden-City, No. 2 [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.morrissociety.org/worldwide/agregation.boos.fig.2.jpg>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 8: Ebenezer Howard** - Pág.42

Fonte: s/autor; Ebenezer Howard [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <<https://ebooks.adelaide.edu.au/h/howard/ebenezer/portrait.jpg>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 9: Plan Voisin de Le Corbusier, 1925** - Pág.44

Fonte: BOESIGER, W., GIRSBERGER, H.; Plan Voisin, de Le Corbusier (1925) [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.morrissociety.org/worldwide/agregation.boos.fig.2.jpg>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 10: Le Corbusier** - Pág.44

Fonte: BERTOLAMI, Marina; Le Corbusier [consultado em 20 de Agosto de 2015], disponível em: <<http://www.construir.pt/2015/05/26/arquitectura-viva-lanca-a-monografia-le-corbusier-an-atlas-of-landscapes/>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 11: Frank Lloyd Wright** - Pág.46

Fonte: GETTY, Images; Frank Lloyd Wright [consultado em 12 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.obrasweb.mx/arquitectura/2014/02/06/lloyd-wright-una-relacion-amor-odio-con-los-rascacielos>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 12: Perspectiva Aérea da Broadacre City, F.L.W.** - Pág.46

Fonte: NOVAK, Matt; Broadacre City [consultado em 12 de Maio de 2015], disponível em: <<http://paleofuture.gizmodo.com/broadacre-city-frank-lloyd-wrights-unbuilt-suburban-ut-1509433082>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 13: Pormenor de ligação entre a cidade medieval e a cidade nova, Barcelona.** - Pág.48

Fonte: s/autor; s/título [consultado em 12 de Maio de 2015], disponível em: <<https://www.google.pt/maps/@41.3834699,2.1627528,1084m/data=!3m1!1e3>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 14: Ildefonso Cerdá** - Pág.48

Fonte: PUGLIESI, Daniele; Ildefons Cerdà [consultado em 12 de Maio de 2015], disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:PortraitIldefonsCerdà.jpeg>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 15: Evolução de Xangai, China - 1990-2014** - Pág.52

Fonte: MENDES, Stifler; Xangai, China, 1990-2014 [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.criatives.com.br/2014/11/19-fotografias-mostram-a-evolucao-de-algumas-cidades-pelo-mundo/>>, editada pelo candidato.

## **FIGURA 16: Avenida dos Aliados, Porto - Pág.54**

Fonte: s/autor; porto19 [consultado em 20 de Agosto de 2015], disponível em: <<http://www.taxis-porto.pt/locais-a-visitar/>>, editada pelo candidato.

## **FIGURA 17: Variantes do Espaço Público de acesso livre - Pág.56**

### **Rua de Santa Catarina, Porto**

Fonte: NÚÑEZ, Ana; Rua de Santa Catarina [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rua\\_Sta\\_Catarina\\_\(Porto\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rua_Sta_Catarina_(Porto).jpg)>, editada pelo candidato.

### **Jardim do Palácio de Cristal, Porto**

Fonte: CUNHA, Carlos; Jardins do Palácio de Cristal [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <<https://faroldaboanova.files.wordpress.com/2013/07/jardins-palc3a1cio-cristal-18.jpg>>, editada pelo candidato.

### **Margem Fluvial, Esposende**

Fonte: GUERRA, Fernando; Marginal de Esposende Redevelopment [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <[http://www.archdaily.com/626442/marginal-de-esposende-redevelopment-victor-neves-arquitectura-e-urbanismo/54f71c35e58ecee84d00016c-esposende\\_004-jpg](http://www.archdaily.com/626442/marginal-de-esposende-redevelopment-victor-neves-arquitectura-e-urbanismo/54f71c35e58ecee84d00016c-esposende_004-jpg)>, editada pelo candidato.

### **Largo dos Lóios, Porto**

Fonte: s/autor; bnapartments Loftpuzzle [consultado em 20 de Agosto de 2015], disponível em: <<http://bnapartments-loftpuzzle.portohotel.net/photo/>>, editada pelo candidato.

### **Praça do Comércio, Lisboa**

Fonte: FERALVES; Praça do Comércio (em renovação) - Lisboa [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.fotolog.com/feralves13/43631628/>>, editada pelo candidato.



## **FIGURA 18: Variantes do Espaço Público de acesso controlado - Pág.57**

### **Casa da Música, Porto**

Fonte: GALLARDO Luis; Casa da Musica [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/505529126897469773/>>, editada pelo candidato.

### **Biblioteca Municipal, Viana do Castelo**

Fonte: D´LARA, Roberto; Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, Siza Vieira [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <<https://workinprogressss.wordpress.com/page/2/>>, editada pelo candidato.

### **Centro Educativo das Antas, Porto**

Fonte: CAMPOS, José; Antas Educative Center [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.archdaily.com/73760/antas-educative-center-ava-architects/50126bae28ba0d1b4c000727-antas-educative-center-ava-architects-photo>>, editada pelo candidato.

### **Hospital de Santo António, Porto**

Fonte: s/autor; Centro Hospitalar do Porto, Hospital de Santo António [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <<https://www1.icbas.up.pt/umib/index.php/nephrology-dialysis-and-transplantation/host-institutions>>, editada pelo candidato.

## **FIGURA 19: Praça com ausência de pessoas, Viana do Castelo - Pág.60**

Fonte: s/autor; Tarde de frio e chuva, Praça vazia... de gente [consultado em 14 de Maio de 2015], disponível em: <<http://olharvianadocastelo.blogspot.pt/2015/01/tarde-de-frio-e-chuva-praca-vazia-de.html>>, editada pelo candidato.

## **FIGURA 20: Centro Comercial com presença de pessoas, Braga - Pág.60**

Fonte: TONYNHO; s/título [consultado em 21 de Maio de 2015], disponível em: <<http://s872.photobucket.com/user/tonynho/media/021020091186.jpg.html>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 21: Trafalgar Square (perspectiva geral), Londres - Pág.66**

Fonte: s/autor; s/título [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.fosterandpartners.com/projects/trafalgar-square-redevelopment/gallery/>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 22: Trafalgar Square (pessoas a descansar), Londres - Pág.66**

Fonte: PA; People cool off in the Trafalgar Square fountains [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/picturegalleries/uknews/7759995/UK-weather-Sun-lovers-enjoy-the-final-burst-of-Britains-mini-heatwave.html?image=8>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 23: Trafalgar Square (exibições de arte), Londres - Pág.68**

Fonte: ORTIZ, Alicia Rodríguez; Thomas Schütte's Fourth Plinth installation [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/92816442294940027/>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 24: Trafalgar Square (concertos), Londres - Pág.68**

Fonte: EMMERICH, Igor; The BMW LSO Open Air Classics 2014 on Trafalgar Square in London [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <[https://www.press.bmwgroup.com/united-kingdom/pressDetail.html?title=the-bmw-lso-open-air-classics-again-a-major-success-the-london-symphony-orchestra-in-c-o-o-p-e-r-a-t-i-o-n-with&outputChannelId=8&id=T0179862EN\\_GB&left\\_menu\\_item=node\\_5126](https://www.press.bmwgroup.com/united-kingdom/pressDetail.html?title=the-bmw-lso-open-air-classics-again-a-major-success-the-london-symphony-orchestra-in-c-o-o-p-e-r-a-t-i-o-n-with&outputChannelId=8&id=T0179862EN_GB&left_menu_item=node_5126)>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 25: Consequência do Relógio, Eno Teodoro Wanke- Pág.70**

Fonte: FERRÃO, Rodrigo; Foto frase do dia: Eno Teodoro Wanke [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.blogclubedeleitores.com/2014/09/28/archive.html>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 26: The High Line - Antes - Pág.74**

Fonte: ROOSEVELT, H.Q.; s/título [consultado em 21 de Agosto de 2015], disponível em: <<http://www.rsvlts.com/2014/06/03/the-high-line-abandoned-pics/>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 27: The High Line - Depois - Pág.76**

Fonte: PETESHEP; D944 HighLine Park from hotel Standard NY [consultado em 21 de Agosto de 2015], disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/peteshep/4091060811/>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 28: Mapa de Portugal - Localização de Aveiro (Distrito)- Pág.78**

Fonte: s/autor; s/título [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <<http://demos.dfr.pt/modulos/mapa/img/territorio-nacional/continente.png>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 29: Ícones de Aveiro - Pág.79**

#### **Ria de Aveiro e Moliceiros**

Fonte: s/autor; Aveiro [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.boleia.net/viagens/aveiro>>, editada pelo candidato.

#### **Museu da Arte Nova**

Fonte: s/autor; Museu da Arte Nova, Aveiro [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <<https://postzoom.wordpress.com>>, editada pelo candidato.

## **Salinas**

Fonte: SANTA, Rasta; As salinas de Aveiro [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <<http://aveirices.blogs.sapo.pt/1050.html>>, editada pelo candidato.

## **Ovos Moles**

Fonte: s/autor; Ovos Moles [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <[http://www.derovo.com/produtos/ovos\\_moles.php](http://www.derovo.com/produtos/ovos_moles.php)>, editada pelo candidato.

## **Casas Típicas da Costa Nova**

Fonte: TREPTE, Andreas; Costa Nova do Prado [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Costa\\_Nova\\_do\\_Prado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Costa_Nova_do_Prado)>, editada pelo candidato.

## **Dunas de São Jacinto**

Fonte: s/autor; Perspetiva a partir do sistema dunar sobre a Praia das Dunas de São Jacinto. [consultado em 22 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.playocean.net/portugal/aveiro/praias/praias-das-dunas-sao-jacinto>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 30: Mapa da Muralha Aveirense, 1696- Pág.81**

Fonte: BARREIRA, Manuel; Planta de Aveiro em 1696 [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.aderav.com/quemsomos/registos/revista-patrimonios/patrimonios-n-1/as-muralhas-da-vila-de-aveiro-em-1692-segundo-o-tombo-da-casa-de-aveiro/#.VddoUWAqf3a>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 31: Pannel de Azulejo da Muralha Aveirense, Estação de Caminhos de Ferro de Aveiro- Pág.81**

Fonte: ALMEIDA, Artur Jorge; Vista geral da Muralha no séc. XVIII. Pannel de azulejos existente na estação de caminhos de ferro de Aveiro [consultado em 11 de Maio de 2015], disponível em: <<http://www.prof2000.pt/users/secjeste/ajalmeid/Pg014000.htm>>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 32: Mapa do Muro de Berlim - Pág.83**

Fonte: ERICMETRO; Berlin wall map [consultado em 01 de Junho de 2015], disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Berlin-wall-map\\_en.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Berlin-wall-map_en.svg)>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 33: Muro de Berlim - Pág.84**

Fonte: HOHUM; Berlinermauer [consultado em 01 de Junho de 2015], disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Muro\\_de\\_Berlim#/media/File:Berlinermauer.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Muro_de_Berlim#/media/File:Berlinermauer.jpg)>, editada pelo candidato.

### **FIGURA 34: Celebração dos 25 anos da queda do Muro de Berlim. - Pág.85**

#### **Vista aérea da instalação**

Fonte: BAUDER, Cristopher; Today, Berlin is again divided into two - this time by a 11-foot wall of illuminated balloons [consultado em 12 de Junho de 2015], disponível em: <<http://www.wired.com/2014/11/8000-glowing-balloons-recreate-berlin-wall/>>, editada pelo candidato.

#### **Percurso pelo antigo limite do muro**

Fonte: BAUDER, Cristopher; Borders of lights display [consultado em 16 de Junho de 2015], disponível em: <<http://www.rt.com/news/200587-berlin-wall-balloons-anniversary/>>, editada pelo candidato.

#### **A nova permeabilidade**

Fonte: s/autor; s/título [consultado em 16 de Junho de 2015], disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/fotos/berlim-celebra-os-25-anos-da-queda-do-muro-com-grande-festa-popular-slideshow/human-wave-of-east-germans-surges-across-berlin-wall-photo-1415367294745.html>>, editada pelo candidato.

## **FIGURA 35: O Muro de Berlim para a posteridade. - Pág.86**

### **Figura A**

Fonte: CASTRO, Haroldo; As ruas e avenidas de Berlim que foram cortadas pelo Muro (Berliner Mauer) ainda estão demarcadas [consultado em 15 de Junho de 2015], disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/viajologia/2012/09/11/muro-de-berlim/>>, editada pelo candidato.

### **Figura B**

Fonte: LUZ, Chico; Muro de Berlim - Berlim - Roteiro Alemanha [consultado em 16 de Junho de 2015], disponível em: <<http://blog.rentcars.com.br/2012/04/24/roteiro-alemanha-berlim-munique-e-frankfurt/>>, editada pelo candidato.

### **Figura C**

Fonte: HYLAAPER; Die Mauer The Wall Berlin [consultado em 03 de Julho de 2015], disponível em: <<http://german.lami.education/?p=180>>, editada pelo candidato.

### **Figura D**

Fonte: s/autor; Trecho por onde passava o Muro de Berlim (1961.1989) [consultado em 16 de Junho de 2015], disponível em: <<http://www.matraqueando.com.br/2012/06>>, editada pelo candidato.

### **Figura E**

Fonte: OKELTOS; s/título [consultado em 16 de Junho de 2015], disponível em: <<http://okeltos.livejournal.com/24970.html>>, editada pelo candidato.

## **FIGURA 36: Área de intervenção dentro da Muralha Aveirense. - Pág.89**

Fonte: s/autor; s/título [consultado em 13 de Junho de 2015], disponível em: <<https://www.google.pt/maps/@40.6388466,-8.6534587,905m/data=!3m1!1e3>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 37: Área de limite de intervenção** - Pág.89

Fonte: s/autor; s/título [consultado em 15 de Junho de 2013], disponível em: <<https://www.google.pt/maps/@40.641178,-8.653723,3a,75y,107.36h,96.08t/data=!3m6!1e1!3m4!1shGMGJrHIQeniUfQr2z0tYw!2e0!7i13312!8i6656!6m1!1e1>>, editada pelo candidato.

**FIGURA 38: Maqueta virtual com esquema de circulação viária** - Pág.91

Fonte: do candidato.

**FIGURA 39: Espaços verdes e espaços de circulação** - Pág.91

Fonte: do candidato.

**FIGURA 40: Praça e espelhos de água** - Pág.92

Fonte: do candidato.

**FIGURA 41: Centro Expositivo visto da Avenida Sta. Joana** - Pág.93

Fonte: do candidato.

**FIGURA 42: Relação física e visual da praça com a entrada principal do Centro Expositivo** - Pág.94

Fonte: do candidato.

**FIGURA 43: Espaços de circulação** - Pág.94

Fonte: do candidato.

**FIGURA 44: Vista Sudoeste do Centro Expositivo - Pág.94**

Fonte: do candidato.

**FIGURA 45: Átrio, Foyer e Zona Expositiva do Centro de Exposições - Pág.96**

Fonte: do candidato.

**FIGURA 46: Café, espaços cobertos e vistas cénicas que se apreciam da cobertura do Centro Expositivo - Pág.97**

Fonte: do candidato.

**FIGURA 47: Planta de Implantação (Desenho Urbano) - Pág.CIX**

Fonte: do candidato.

**FIGURA 48: Plantas de Arranjos Urbanísticos - Pág.CX**

Fonte: do candidato.

**FIGURA 49: Perfis - Pág.CXI**

Fonte: do candidato.

**FIGURA 50: Plantas de Implantação (Centro Expositivo) - Pág.CXV**

Fonte: do candidato.

**FIGURA 51: Plantas do Piso -1 - Pág.CXVI**

Fonte: do candidato.



**FIGURA 52: Plantas do Piso 0** - Pág.CXVII

Fonte: do candidato.

**FIGURA 53: Plantas do Piso 1** - Pág.CXVIII

Fonte: do candidato.

**FIGURA 54: Plantas do Piso 2** - Pág.CXIX

Fonte: do candidato.

**FIGURA 55: Plantas de Cobertura** - Pág.CXX

Fonte: do candidato.

**FIGURA 56: Cortes** - Pág.CXXI

Fonte: do candidato.

**FIGURA 57: Cortes** - Pág.CXXII

Fonte: do candidato.

**FIGURA 58: Cortes** - Pág.CXXIII

Fonte: do candidato.

**FIGURA 59: Alçados** - Pág.CXXIV

Fonte: do candidato.

**FIGURA 60: Alçados** - Pág.CXXV

Fonte: do candidato.

## **RESUMO**

A vida social no Espaço Público hoje é reduzida à presença de pessoas mais idosas, as quais desde sempre cresceram com a noção de que, as praças, por exemplo, são o centro da vida social. Percebe-se que as gerações mais jovens frequentam com mais regularidade os centros comerciais, essa nova tipologia do espaço público, mas que é privada, e assim abandonam-se as praças, os largos, os terreiros, no geral, os espaços públicos descobertos, que se encontram espalhados pelas cidades e eram geradores de relações entre as pessoas.

Tem-se como estratégia devolver a vida e a memória desses espaços e introduzir novas estratégias que permitam que o Homem volte a usar “a rua”, para recuperar a vida social, mas também para que este consiga encontrar nela a sua calma e o seu equilíbrio, contribuindo também assim para eliminar o ritmo frenético vivencial que assola hoje a vida das pessoas.

## **ABSTRACT**

The social life in the public space is now reduced to the presence of older people, who have always grown up with the notion that, the squares, for example, are the center of social life. It is noticed that the younger generations attend more regularly the shopping centers, this new type of public space, but private, and so they leave the streets, the squares, the terraces, in general, public spaces discovered, that they are spread through the towns and were are generating relationships between people .

It has been a strategy to return the life and the memory of these spaces and introduce new strategies to make the man using again "the street " to retrieve the social life, but also to ensure that it can find your own quiet and balance, contributing also to eliminate the frenetic rhythm that plagues the lives of people today.

# **PALAVRAS-CHAVE**

Cidade, Dinamização Urbana, Espaço Público, Vivência Slow,

## **KEY-WORDS**

City, Urban Dynamics, Public Space, Slow Living.

# **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**B.I.P.** - Bens, informações e pessoas

**D.R.** - Diário da República

**E.P.** - Espaço Público

**Fig.** - Figura

**F.L.W.** - Frank Lloyd Wright

**Km** - quilómetro

# **INTRODUÇÃO**

## **ENQUADRAMENTO AO TEMA**

O tema “Redesenho do Espaço Público para a vivência slow, o caso da zona da Muralha Aveirense” advém da necessidade de promover um abrandamento estratégico na vida do Homem.

Querendo promover uma forma de vida mais tranquila através da valorização arquitectónica, da “vivência de rua” e no quadro cultural, acreditámos que o redesenho do E.P. apresentado é capaz de oferecer melhores vivências e retomar velhos e bons hábitos, perdidos no tempo e pela sociedade, pois verifica-se que o Homem isola-se na sua casa.

Prejudicam-se deste modo as relações entre o Homem e a Arquitectura e ainda as próprias relações entre as pessoas. Esquecem-se assim monumentos, histórias, culturas, lugares, relações e vivências, verificando-se então que a nossa sociedade não privilegia o uso da rua, da praça, do espaço público em geral, como um elemento de vivência e equilíbrio social.

## **OBJECTIVOS**

Na presente dissertação, temos como objectivos investigar e perceber as problemáticas do espaço público, nomeadamente a desertificação e abandono das praças, dos largos, da rua, e outros elementos que dinamizavam os variados espaços públicos da cidade, através das variadas vivências que lhe eram inerentes.

Pretendemos assim, estudar um fenómeno que cada vez mais é visível no espaço público, o abandono dos locais mais nobres da cidade vem

afastando o público que lhe dê um uso devido e para o qual foi desenvolvido, pelo que pretendemos contribuir com uma proposta capaz de responder a uma problemática que se verifica com o conseqüente afastamento do Homem.

## **ÂMBITO**

Este estudo surge no âmbito da unidade curricular de Projecto III, como trabalho final de curso, onde nos foi atribuído pelos docentes da referida unidade curricular o território de Aveiro.

A análise ao terreno possibilitou-nos a identificação de vários problemas, dos quais considerámos que o facto de a cidade perder a identidade da Muralha e a realidade de vivermos numa era em que se promove a velocidade e a conseqüente ausência de relações sociais no E.P., seria uma oportunidade para criar uma nova dinâmica urbana e social, através da vivência slow na referida área da muralha aveirense, sabendo nós que o E.P. é um factor importante na vivência das cidades e dos seus cidadãos.

## **MOTIVAÇÕES**

A motivação surge da necessidade de re-pensar novas estratégias de dinamização do espaço público. Sabemos que este tem perdido o encanto de outros tempos e, como tal, cabe-nos a nós, futuros profissionais de arquitectura e urbanismo, e também cidadãos das cidades, valorizar estes espaços através de novos conceitos, os quais permitam criar novos laços sociais, capazes de promover as relações entre as pessoas num espaço de excelência nos diversos pontos da cidade.



## **METODOLOGIA**

Como metodologia para a elaboração deste estudo, considerámos as visitas ao local de intervenção, o arquivo da turma, a pesquisa de bibliografia, webgrafia, a consulta às entidades locais, que resultam num tratamento qualitativo e de comparação, importantes para a capacidade de sustentar a nossa motivação e objectivos através de autores que considerámos necessários e pertinentes no âmbito do estudo proposto.

Assim o presente trabalho divide-se em dois capítulos, sendo que no Capítulo I investigámos e estudámos a cidade desde as suas formas e evolução, e seguidamente focamo-nos no E.P, pois é sobretudo do nosso interesse, o foco nas “praças urbanas - ou a grande família de espaços urbanos que genericamente se podem enquadrar nesta designação, como praças, largos, terreiros, campos, adros...” (TEIXEIRA, 2001:9). Neste ponto interessa-nos principalmente abordar e perceber as problemáticas da falência do E.P, e também entender a necessidade do E.P. no equilíbrio vivencial através de outros casos e cidades que verificaram a importância do E.P. na vida social da cidade através da vivência slow.

No Capítulo II tratámos especificamente de Aveiro, onde resumidamente apresenta-se a cidade e também uma breve descrição da desaparecida Muralha de Aveiro. Os projectos de referência surgem imediatamente a seguir, de forma a sustentar a estratégia adoptada para o ensaio projectual.

Referimos ainda que o presente documento não se encontra escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.

## **ESTADO DA ARTE**

A análise à execução deste estudo concentra-se nas reflexões e estudos de autores que considerámos pertinentes na nossa visão estratégica para o repovoamento do Espaço Público na cidade. É por isso importante possuímos reflexões como BRANDÃO (2011:17) que defende que “as cidades são destinadas ou criadas com o intuito das pessoas se relacionarem e dessas com os elementos que compõe a cidade”. INNERARITY e SIMÕES (2005:18) são outros autores que sustentam o nosso estudo no âmbito do despovoamento do espaço público descrevendo a nossa ausência de cultura e “tradição de convivência ao ar livre como os povos da área mediterrânea(...)”, que segundo CASTRO (2005:18) este facto deve-se também ao interesse económico que hoje define estratégias, quando diz que “as operações urbanísticas, quando promovidas pelos privados, tendem sempre a investir nos espaços públicos tão pouco quanto possível”.

BORJA e MUXÍ (2001:31) sustentam que “as trocas mais importantes de uma cidade são as conversas, a informação cara a cara, o barulho das pessoas a falarem...”<sup>1</sup>, hoje ausentes, pois segundo GEHL e GEMZØE (2002:13) “um fluxo aparentemente interminável de oportunidades para a comunicação indirecta de pessoa a pessoa emergiu: primeiro foi o telégrafo, depois o telefone, o celular, o e-mail e a internet”, sabendo nós hoje que, conversámos com maior facilidade para alguém que está mais afastado de nós pela internet, do que com o vizinho cara-a-cara. Porém não se pode atribuir a culpa só às telecomunicações, pois na opinião dos mesmos (2002:14) o espaço público deixou também de ter vigor devido aos aspectos ligados aos transportes, onde o carro assumiu um papel de destaque na cidade, ao eliminar, diminuir ou separar E.P. para circulação, e estacionamento, sendo que assim “torna-se desagradável e difícil andar a

---

<sup>1</sup> Tradução livre da responsabilidade do autor. No original “la mercaderia més important que s’intercanvia en una ciutat és la conversa, la informació cara a cara, la murmuració...”

pé, e impossível passar o tempo nas áreas públicas por falta de espaço e por causa dos problemas ambientais”.

Assim, na visão de GOITIA (2010:9), “tudo o que afecta o Homem afecta a cidade”, o que é um facto, pois podemos imediatamente descodificar ao verificar que a nossa disponibilidade de tempo hoje é mais reduzida, e isso retira-nos tempo para viver a cidade.

Por isso FERNANDES (1995:22) enquadra-se também no mesmo pensamento quando afirma que “é preciso mudar a imagem da cidade, dar-lhe confiança, alegria e destino e é preciso fazê-lo com grande sentido humano” pois o sentido económico-financeiro é, desde longo tempo, um interesse primordial. Assim, para atribuir o sentido humano, como pede FERNANDES, considerámos a filosofia do Movimento Slow a estratégia necessária, com HONORÉ (2004:84) a propor “diminuir o ruído e o trânsito; aumentar os espaços verdes e zonas pedestres; ajudar os produtores e lojistas locais; mercados e restaurantes a venderem os seus produtos; promover tecnologias que protejam o ambiente; preservar tradições estéticas e culinárias locais; e fomentar um espírito de hospitalidade e boa vizinhança”, para que as cidades, os seus espaços públicos e os seus cidadãos se tornem melhores.

Destacam-se assim estes autores como importante defesa da problemática analisada, sendo que se notam outros prestigiantes autores ao longo do presente estudo, que impõe uma maior coesão bibliográfica entre os temas e promovem entre si uma reflexão sustentada e uma análise de diversos autores que defendem ou verificam as mesmas problemáticas e também soluções.



Figura 2- Vista Aérea da Cidade do Porto, Porto



# **CAPITULO I - O ESPAÇO PÚBLICO E**

## **QUALIFICAÇÃO DE VIDA NA CIDADE**

### **1.1 - As formas da cidade.**

Perante a diversidade de cidades espalhadas pelo globo, percebemos que existem diversos modos de estas se organizarem, de se estruturarem e de responderem a diversas exigências ou funções para as quais foram ou vão sendo pensadas. Das cidades que privilegiam os espaços verdes, ou os monumentos, ou as circulações, entre outros, podemos admirar a sua estrutura e também perceber a cultura e pensamentos das variadas cidades, facto corroborado por LAMAS (1993:48) que refere que “as diferenças são ditadas (...) por diferentes atitudes culturais” e que (Idem, 1993:48) a “forma urbana deve constituir uma solução para o conjunto de problemas que o planeamento urbanístico pretende organizar e controlar”.

Percebemos então que as formas das cidades desde sempre estiveram relacionadas com as funções (LAMAS, 1993:48), e são compostas por elementos de extrema importância como o solo, os edifícios, os lotes, o quarteirão, o bairro, a fachada, o logradouro, a rua, a praça, o monumento, a árvore e/ou vegetação, o mobiliário urbano e não menos importante os vazios urbanos, ou segundo LAMAS (1993:48) pela “rua e praça, edifícios, fachadas e planos marginais, monumentos isolados”. As junções destes elementos permitem suprir as necessidades populacionais, possibilitando assim novas formas nas cidades. Citando COELHO (2013:13), “esta questão da forma urbana é colocada sempre que se reflecte sobre a cidade experimentada, aquela que conhecemos pela experiência do quotidiano, e a projecção de uma cidade desejada”. Porém COELHO (2013:13) refere ainda que “as reflexões realizadas por Aristoteles, Vijtrúvio, Alberti, Descartes, Sitte, Le Corbusier, Sartre, Koolhaas, entre muitos outros, são disso exemplo”, as quais (Idem, 2013:13) “expressam visões muito distintas sobre a forma da

cidade existente e ainda mais divergentes quando procuraram antever ou propor a cidade do porvir”, atendendo que cada um visualiza, ou identifica, diversos problemas e diferentes objectivos para cada estudo.

LAMAS (1993:44) conclui, portanto, que “a “forma” surge como resposta a um problema espacial” em que o próprio cita Christopher Alexander, reforçando assim a sua ideia, que diz que (1993:44) “a forma é a solução do problema posto pelo contexto”, tendo linhas de pensamento semelhantes a LYNCH (2014:95) ao dizer que “existem (...) funções fundamentais que podem ser expressas pelas formas da cidade”, reforçando a ideia que a forma surgirá em função do uso ou do aspecto funcional que lhe é proposto.

Sendo que o estudo das formas urbanas revela inúmeros pensamentos e considerações, foquemo-nos na reflexão de Jorge CARVALHO (2003:11), no seu estudo sobre as cidades europeias que explica que as “formas urbanas nelas presentes se poderão reduzir a cinco”, que são elas então a forma orgânica, “dos edifícios em banda, ao longo das ruas de traçado irregular”; a clássica, “dos edifícios em banda, ao longo de ruas de traçado regular”; a jardim, “dos edifícios colectivos soltos, envolvidos por espaço verde”; a modernista, “ dos edifícios colectivos soltos, envolvidos por espaço público; e a urbano-campestre, “da dispersão periurbana, da mistura campo/cidade”.

### **1.1.1 - Forma Orgânica.**

Particularmente interessante pelos seus traçados irregulares e por um crescimento sustentado na necessidade, a forma orgânica ocorreu entre o fim do Império Romano e o início do Renascimento. Pensa-se, no entanto, que esta forma urbana não tenha obedecido a um plano de conjuntos, apesar de pontualmente revelar uma ordem.

De organização radiocêntrica, as cidades medievais (fig.3) caracterizam-se por grandes muralhas, ruas e praças de traçado irregular, onde a adaptação à topografia é um ponto estratégico no crescimento da cidade



Figura 3- Planta Medieval, Bruges



Figura 4- Camillo Sitte

medieval. Contudo, levantaram-se grandes problemas na cidade medieval, como o caso da higienização e salubridade devido à falta de iluminação e ventilação que ocorreu devido à implantação dos seus edifícios nos limites das ruas, o que levou a que a partir de certo momento, vários quarteirões medievais fossem destruídos, como foi o caso de Paris de Haussmann que substituiu o desenho irregular por um “traçado regular, de avenidas largas e fachadas estudadas”, que por sua vez também se propagou a Portugal.

Nos finais do séc. XIX, Camillo Sitte (fig.4) opôs-se a estas destruições, criticando mesmo os “princípios haussmannianos e chamando a atenção para a beleza dos traçados irregulares e para a importância dos largos e praças, como locais urbanos de excelência”, onde porém mais tarde monumentos foram considerados património pretendendo-se a “defesa dos conjuntos urbanos”, que iniciavam assim a classificação destes espaços como “centro histórico” (CARVALHO, 2003:14).

### **1.1.2 - Forma Clássica.**

A forma clássica assenta numa lógica organizacional consciente da cidade, onde Hipódamo (fig.5) é considerado o 1º urbanista com critério rigoroso. Afirma-se também nesta fase uma ruptura com o teocentrismo medieval e assume-se a vontade do ser humano como o centro de interesse.

O mundo clássico é referenciado pela maioria dos autores como o greco-romano, sendo o que consideram com o mais próximo da nossa civilização.

Na forma clássica encontramos cidades de carácter grego, romano, renascentista (fig.6) e barroco que, por sua vez, são caracterizadas segundo CARVALHO (2003:35) por “uma malha de ruas contínua e regular, formando quarteirões; a edificação implantada ao longo das ruas, num contínuo de fachadas; o espaço livre no interior dos quarteirões, quando exista, como utilização privada ou semiprivada; as ruas, os largos e as praças constituindo espaço urbano por excelência, o lugar onde os cidadãos se movimentam,





Figura 5– Hipódamo



Figura 6– Vista aérea da cidade renascentista, Palma Nuova

se encontram, se abastecem, se divertem; a rua, o espaço público como um imperativo superior, a coisa pública a prevalecer sobre a coisa individual”, fazem com que a forma clássica englobe duas épocas e “estendam-se aquém delas, ao barroco, ao neoclássico e de modo geral até à actualidade (...)”, onde até ao modernismo o conceito de ordem/harmonia era assumido, assim como um modelo de cidade planeada, devido também há grande presença de traçados ortogonais, o que resultava numa forma regular de lotes que por sua vez facilitavam a construção.

No caso de Portugal encontrámos alguns exemplos de cidades de génese clássica, sendo elas Tomar e Vila Real de Santo António e casos mais recentes como Espinho e Nazaré. Contudo, problemas ligados com o crescimento das cidades e novos paradigmas, entre outros fatores, tendem a ameaçar ao longo do séc. XX a forma clássica, sendo que nunca foi abandonado totalmente, mas posteriormente foi utilizado em “soluções mistas, combinando pormenores e tipologias com o modernismo” (CARVALHO, 2003:36).

### **1.1.3 - Forma Jardim.**

Como o nome o indica, esta forma é caracterizada pela forte presença de elementos naturais, que proporcionem um bom viver aos seus habitantes e por isso, citando CARVALHO (2003,67), factores como a:

“ - segregação de funções, constituindo as áreas de vivendas residências por excelência, dotadas ou não de equipamentos e de pequeno comércio de apoio;

- separação de tráfego, sendo que pelo menos o de atravessamento deverá ser exterior à zona residencial (...);

- presença significativa das zonas verdes, públicas ou privadas; predomínio de habitações unifamiliares; o espaço com fundo verde, no

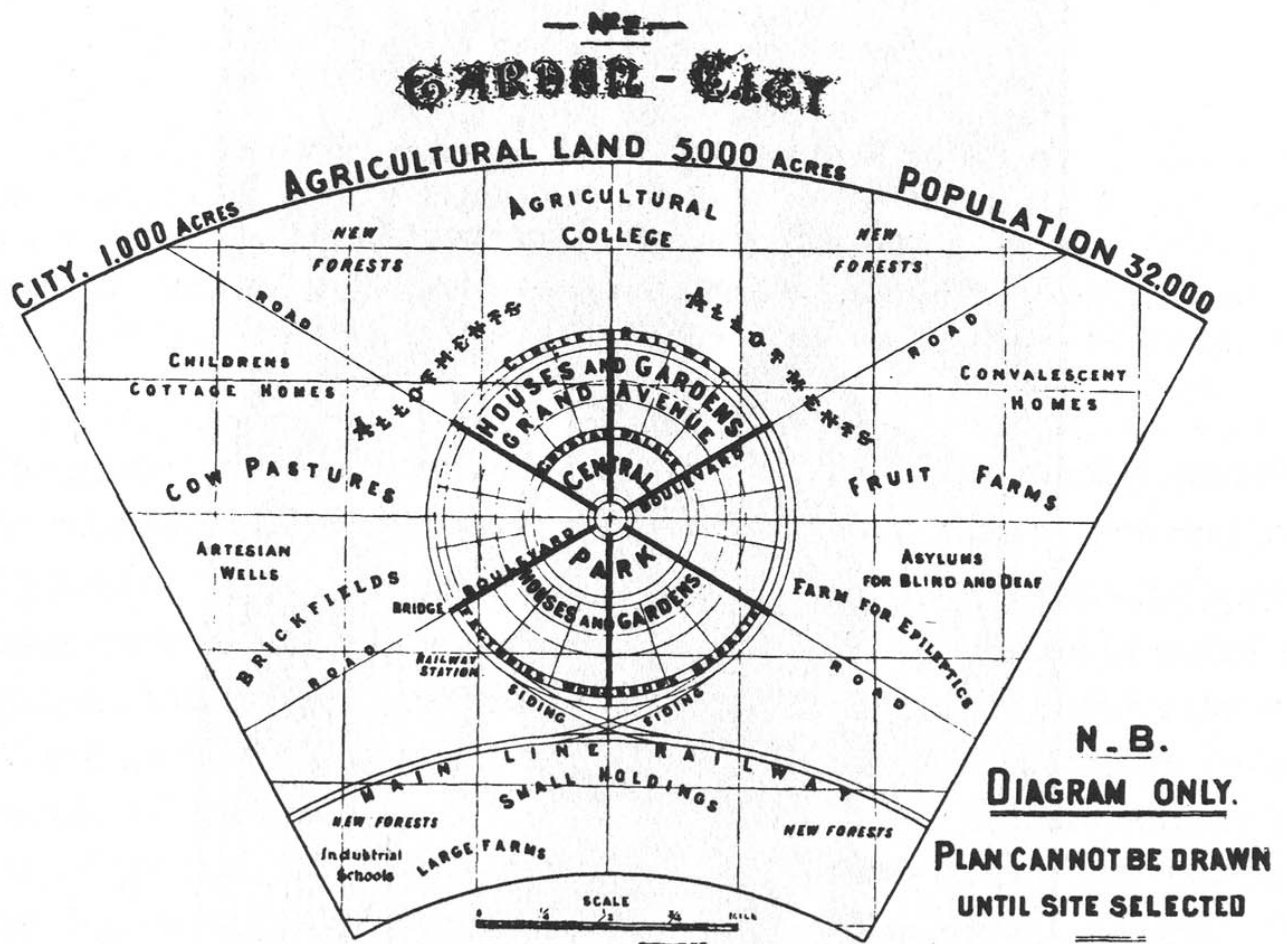


Figura 7- Esquema-modelo Cidade-Jardim

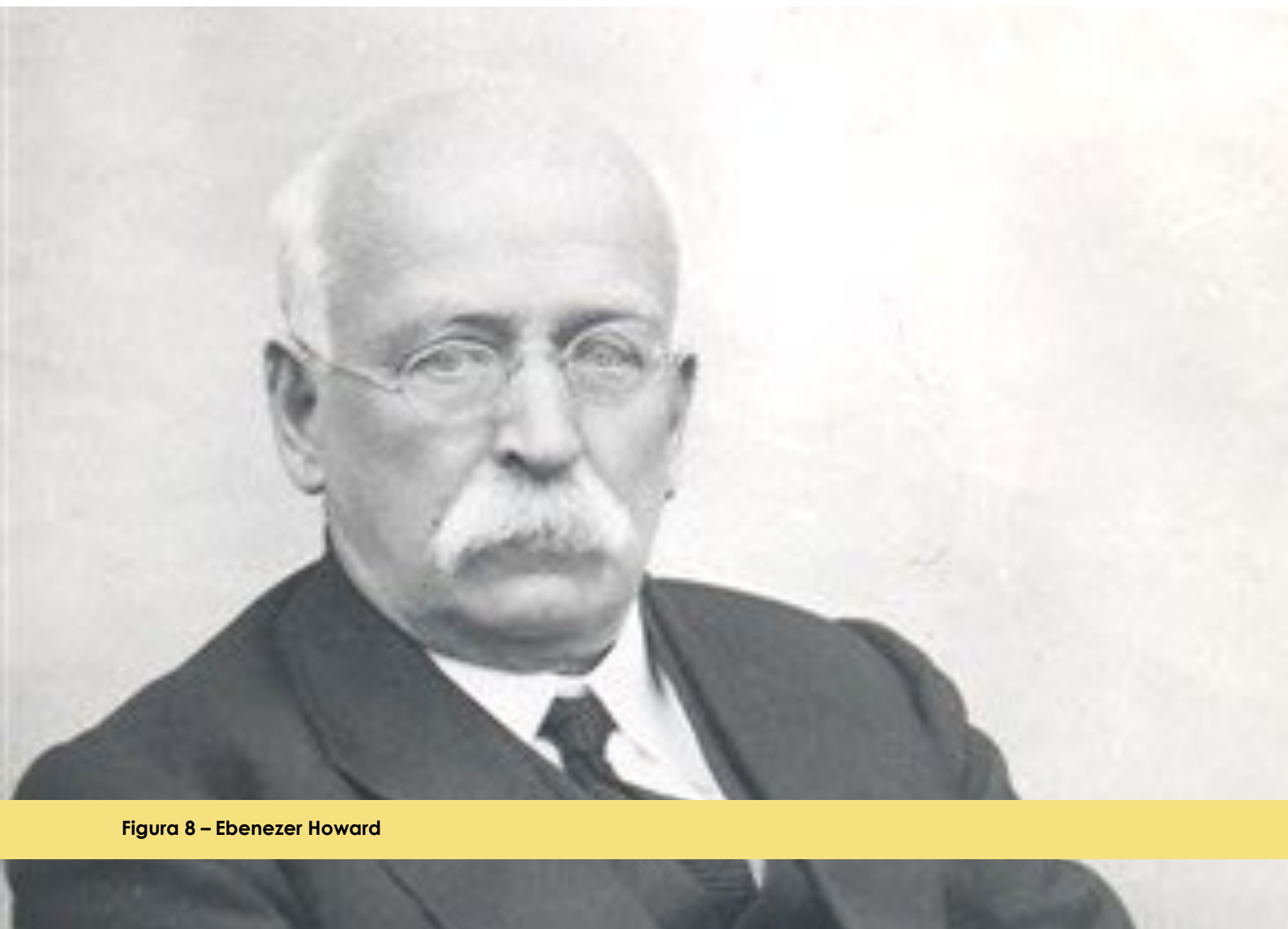


Figura 8 – Ebenezer Howard

qual se implantam as construções isoladas (ao contrário da forma clássica e da forma orgânica que se caracterizam pela continuidade da construção);

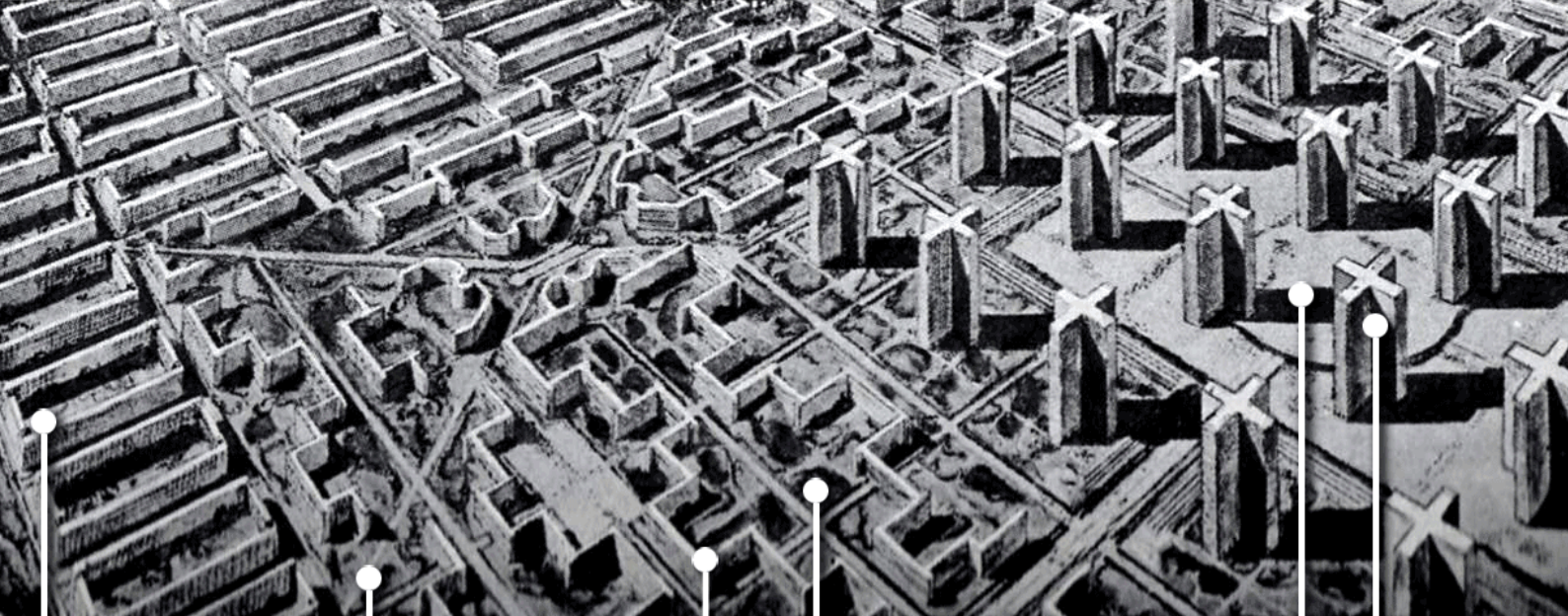
- contínuo urbano; as áreas agrícolas são-lhe exteriores, não se verificando mistura cidade-campo", resultam em critérios claramente definidos, que privilegiam a vivência nas cidades e a separação das suas funções, garantindo um bom funcionamento e um planeamento estratégico."

A cidade jardim (fig. 7), concebida por Ebenezer Howard (fig. 8) é um marco no desenho e/ou evolução das cidades, sendo que a sua proposta para a cidade jardim consistia num crescimento limitado, capaz de alojar um máximo de 32 mil habitantes, que possibilitasse a integração dos próprios locais de trabalho, sendo que as várias cidades seriam articuladas entre si por transportes públicos. No entanto, Portugal obteve alguns anteprojetos de urbanização nos anos 40 e 50, como afirma, os quais, maioritariamente, com autoria de Etienne de Groer ou de João Aguiar, que não passaram de expansão ou renovação de cidades, pois a maioria dos aglomerados urbanos seriam de uma escala reduzida.

Contrariamente ao que se pensa, a cidade jardim é desenvolvida por grande regularidade e não pelas formas curvilíneas e irregulares, onde é confundida com a tradição rural anglo-saxónica.

#### **1.1.4 - Forma Modernista.**

O principal factor de preocupação nesta forma urbana destaca-se com o excesso de ornamentação na arte. Procura-se então o funcionalismo e o racionalismo, e privilegia também a redução do espaço privado para o aumento do espaço público.



Habitação para operários

Eixos viários

Áreas verdes em meio às habitações

Torres de escritórios

## Plan Voisin

Le Corbusier (1925)

Habitação para as classes mais altas

Praça Central

Figura 9- Plan Voisin de Le Corbusier, 1925



Figura 10 – Le Corbusier

Tendo grandes nomes da Arquitectura ligados ao Modernismo, o nome da Bauhaus não pode passar despercebido pois foi uma escola que difundiu e incentivou estes princípios.

Poderemos encontrar outras denominações para a Forma Modernista, tais como: Carta de Atenas, cidade modernista, cidade radiosa, cidade futurista, urbanismo progressista.

Para CARVALHO (2003:94) a “forma modernista abrange então as propostas da Carta de Atenas, mas também muitas aplicações desfiguradas (...), englobando todas as soluções de torres e conjuntos de blocos, separados entre si, e rodeados por espaço público”. Porém podemos identificar dois momentos, sendo que as formulações teóricas e as experimentações se traduzem no primeiro momento, desde o início do século até à segunda Grande Guerra e o segundo momento, do pós-guerra até aos anos 70 que consiste na aplicação dos modelos teóricos.

A Carta de Atenas define-se então como um documento e um ponto marcante na história do urbanismo e fazem parte dela a Escola Bauhaus, Tony Garnier, entre outros, mas é em Le Corbusier (fig. 10) que este documento tem o seu grande divulgador. Com a necessidade de construir de forma rápida, económica e em massa, este modelo teve grande adopção, pois revelou-se eficaz. Contudo, o modelo foi duramente criticado na década de 60, pelo que se considerava que desrespeitava a cidade existente, o zonamento (através da separação funcional), densidades excessivas e o abandono das ruas e das praças. Porém em Portugal, com o I Congresso de Arquitectos, em 1948, a Carta de Atenas reúne pareceres favoráveis, mas tarda a ter aplicação concreta, pois os blocos, como são apelidados, só “tinham uma presença significativa na Área Metropolitana de Lisboa”, mas, citando CARVALHO (2003:94), “actualmente, num momento em que se critica a Carta de Atenas é que, paradoxalmente se estão a construir edifícios de maior altura e dimensão”.



Figura 11 – Frank Lloyd Wright

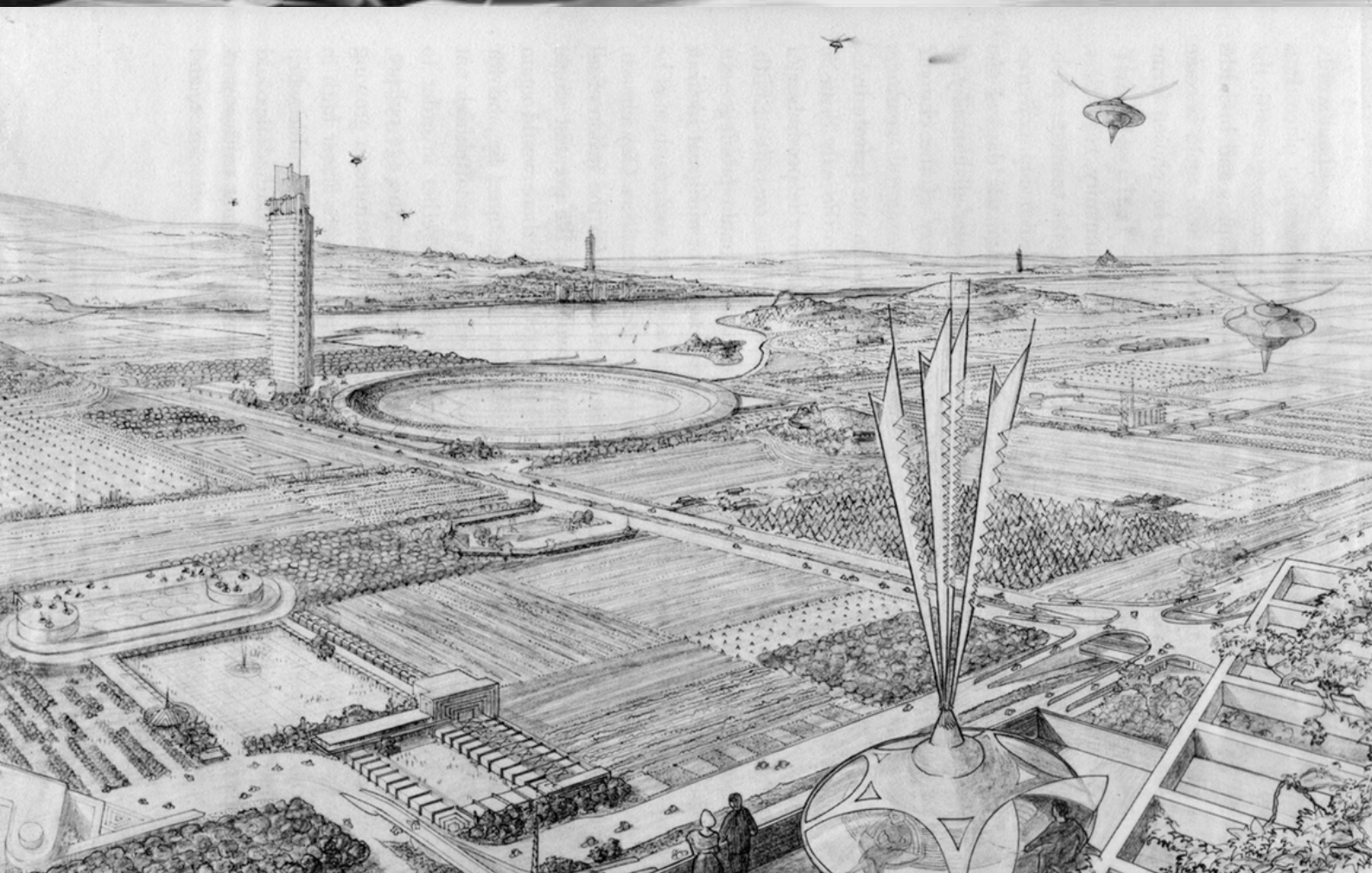


Figura 12 –Perspectiva Aérea da Broadacre

### **1.1.5 - Forma Urbano-Campestre.**

A forma Urbano-Campestre é um fenómeno que se caracteriza pela ocupação do território de transição entre o meio rural e o meio urbano, o qual é composto maioritariamente pela presença de edificação de moradias unifamiliares, encontrando-se dispersas e isoladas. Os habitantes das cidades sempre procuraram os meios rurais por razões de higiene e lazer, mas factores como o “derrube das muralhas, e com o desenvolvimento da electricidade e dos transportes” (CARVALHO, 2003:119) a forma urbano-campestre “assume um carácter totalmente novo”.

Citando CARVALHO (2003:119), “poder-se-á apontar Frank Lloyd Wright (fig. 11) como o grande teórico da dispersão, defendendo uma teoria de organização espacial que corresponde à negação do próprio conceito tradicional de urbanidade”, onde F.L.W. idealiza a sua cidade ideal, a “Broadacre” (fig. 12), que seria uma combinação de meio urbano e rural, onde as “construções se espalhariam pela paisagem, cada uma delas em parcelas de áreas não inferior a um acre, com uma arquitectura orgânica e naturalista, integrante da própria paisagem”. Porém é um modelo criado à margem do ordenamento, o que levanta sérios problemas como “o grande consumo de espaço, os custos elevados de infraestruturacão, o alto consumo de energia, e é fortemente contestado, por outro lado há quem admire a sua concepção e considere que, é “o sonho partilhado do regresso à natureza, a afirmação da liberdade a todos os níveis”.

### **1.1.6 - As formas vão sendo re-criadas.**

Podemos então verificar, que atualmente, as cinco formas urbanas são hoje referências no redesenho urbano, onde até se conjugam por vezes e redefinem as cidades.





Figura 13 – Pormenor de Transição entre cidade medieval e a cidade nova, Barcelona

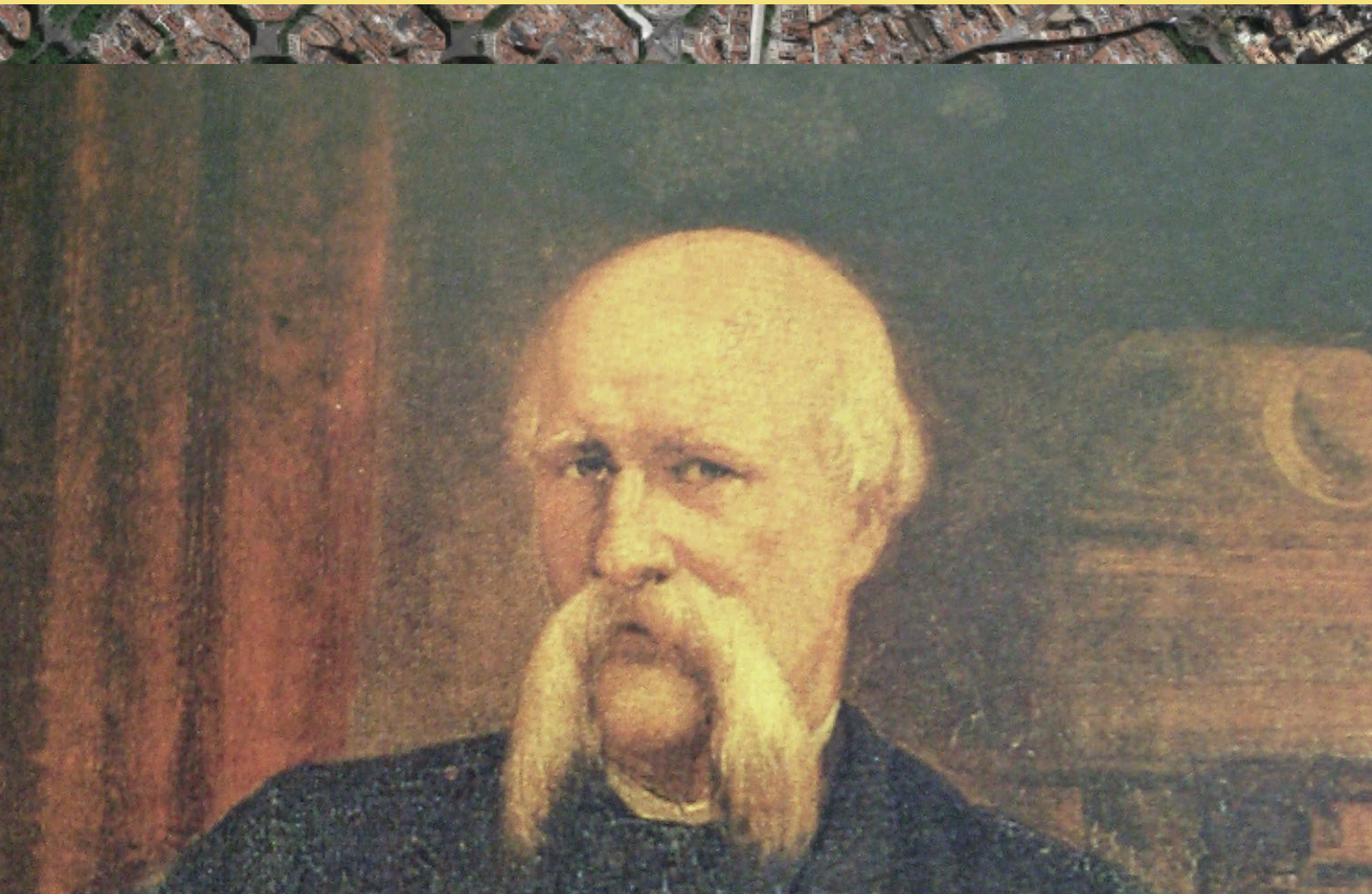


Figura 14 – Ildefonso Cerdá

Certo é que podemos constatar, que todas as hipóteses de pensamento estratégico do urbanismo das cidades já foi pensado pelos mestres, ao que CARVALHO (2003:135) refere que os redesenhos das cidades hoje “tendem a referenciar-se a alguma destas cinco formas, a combiná-las ou recriá-las”, onde o que nos resta é aplicar os seus modelos ao existente e conjugá-los para que a vivência das cidades seja claramente melhor.

LAMAS (1993:227) refere também que “até ao período moderno, mas sobretudo a partir do Renascimento, o desenho da cidade e a composição urbana foram utilizando as mesmas ferramentas, ou seja, o mesmo sistema de relações entre os elementos morfológicos”, sendo assim constatável que todas as formas urbanas possuem apenas conjugações diferentes dos seus elementos (as ruas, praças, lotes, etc.), através da intenção ou função que era proposta para cada cidade. Certo é que partilhámos da opinião de LAMAS, (1993:227) ao referir que “será o modo de combinação e justaposição desses elementos e as suas particularidades que diversificarão as formas urbanas”.

Resta-nos então perceber que hoje, e perante a diversidade das formas urbanas, potencializam-se as conjugações das formas, ao passo que podemos encontrar uma cidade de génese medieval, mas pela necessidade de expansão e com novos ideais sobre a funcionalidade desse crescimento, se observam diferentes formas na mesma, como é por exemplo o caso de Barcelona (fig. 13) da autoria de Cerdá (fig. 14), Paris, entre outras. As cidades adaptam-se a novas lógicas vivenciais, o que permite esta transformação e adaptação das formas entre si, e por esse modo podemos caminhar numa cidade pelas suas ruas estreitas de carácter medieval e seguidamente entrar num espaço que permite obter perspectivas cénicas sobre uma praça ou um obelisco num espaço do Renascimento.

## 1.2 - A Evolução da Cidade.

A evolução da cidade, desde sempre, esteve relacionada com a necessidade de suprir as necessidades dos meios mais rurais, era portanto o lugar onde tudo acontecia e tudo existia. A cidade evoluiu, evolui e evoluirá sempre na perspectiva de se adaptar às exigências e necessidades dos seus habitantes.

No entanto, veja-se que segundo BENEVOLO (1995:19), “a cidade nasce nos III e II milénios na Mesopotâmia, no vale do Nilo, do Indo e do rio Amarelo, como lugar onde se concentram e se trocam os excedentes da agricultura em certas zonas mais férteis” onde ainda prova que os primeiros textos escritos estão presentes no início da mais antiga lista real suméria, onde se pode ler que “quando o reino celeste chegou à terra, floresceu em Eridu”, facto que é reforçado por LYNCH (2007:12), o qual refere que “o cultivo de produtos agrícolas surgiu na Suméria aproximadamente em 5000 a.C., mas Eridu - a primeira cidade que se conhece naquela área - só surgiu aproximadamente em 4000 a.C. e nela habitavam milhares de pessoas.”

Contudo, ASCHER (2012:21) refere que “o crescimento das cidades esteve sempre correlacionado ao longo da história com o desenvolvimento dos meios de transporte e de armazenamento dos bens necessários para aprovisionar quantitativos populacionais cada vez maiores, qualquer que fosse a estação do ano” e a própria “existência das cidades supõe portanto, desde a sua origem, uma divisão técnica, social e espacial da produção e implica trocas de natureza diversa entre aqueles que produzimos bens de subsistência e aqueles que produzem os bens manufacturados (os artesãos), os bens simbólicos (os padres, os artistas, etc.), o poder e a protecção (os guerreiros).”

De notar também que o “sistema B.I.P.” foi, segundo ASCHER (2012:22), um importante factor de “dinâmicas urbanas” verificando-se que “o crescimento horizontal e vertical das cidades tornou-se possível pela invenção e aplicação destas técnicas”. Podemos então perceber que as

idades foram criadas como um centro que colmatava as necessidades da população. Da origem das cidades, por motivos ligados com o seu próprio abastecimento, por aspectos de segurança, entre outros, surgiram novas formas que hoje provocam várias imagens urbanas por todo o globo, e essas várias formas conjugam-se e tentam responder às necessidades populacionais e à conseqüente evolução urbana. No entanto, sabemos também que as cidades iniciais eram locais de carácter defensivo, eram estruturadas e desenvolvidas assegurando a segurança e defesa de intrusos, facto que podemos verificar na estrutura da cidade medieval através das suas muralhas e implantação nos locais mais altos, que permitiam que existisse uma visualização de toda a envolvente da mesma, para que fossem atempadamente alertados para ataques de outros povos.

Porém, a introdução de novos pensadores e pensamentos sobre as vivências das cidades, e a própria necessidade de crescer a urbe, fizeram com que estas muralhas fossem, umas em parte, outras na totalidade, demolidas para que a expansão das mesmas não fosse limitada. Este facto é corroborado por FERNANDES (1995:18), que destaca esse facto no Renascimento, momento “que alterou as relações de escala na cidade, na arquitectura e urbanismo, mas também nos conceitos políticos e militares, (...)”, onde “os conceitos de defesa e de segurança, que estavam garantidos na cidade medieval pelo fosso e pela muralha, caíram por terra(...)” introduzindo assim outros critérios no desenho da cidade, como “a perspectiva central e o seu aproveitamento para criar efeitos pictóricos e de grandiosidade(...)”(FERNANDES, 1995:18) que permitem então os utilizadores obterem diferentes sentidos na cidade.

Independentemente da evolução das cidades através das suas formas, importa então dizer que esta cresceu sempre pelas necessidades e exigências do Homem, diversificando-se assim as várias cidades por várias formas urbanas, ou até locais pontuais dentro da cidade com formas urbanas distintas. Importa dizer então que, o grande virar da vivência da cidade deve-se à industrialização que, como assegura FERNANDES (1995:19)



Figura 15 – Evolução de Xangai, China - 1990-2014

“rebentou completamente com este equilíbrio da cidade; a proletarização maciça das populações rurais que afluíram à cidade, à procura de trabalho mais estável e melhor remunerado que no campo, originou graves problemas de alojamento, a deterioração das condições de vida e os consequentes conflitos sociais”, onde outro factor como a crescente era tecnológica que vivemos, cria rupturas na cidade como diz FERNANDES (1995:21) que “uma vez mais é na cidade, criação cultural do homem por excelência, que se faz sentir o impacte destas inovações”, pois vejamos que a industrialização provoca uma aceleração no ritmo quotidiano do Homem, deixando-o cansado, lutando contra a máquina para não perder o seu trabalho onde a própria máquina ou equipamento tecnológico é criado pelo próprio Homem.

Para Paulo Mendes da Rocha, “inventámos a cidade para conversar uns com os outros”. (in SIC Notícias, 1 de março de 2014, 23:45h), o que não é descabido, pois a cidade será um importante factor na dinamização social da sua população, criando assim laços comunitários que fortalecem as vivências interpessoais, mas no entanto, depois de desenvolvermos cidades industriais ou industrializadas e a vaga tecnológica que da qual não nos conseguimos desfazer, pois é já um factor importante nas nossas vidas, fica a dúvida de qual será o futuro da humanização das cidades, quando as novas criações do Homem não prevêem o contacto humano e a socialização “cara-a-cara”.



Figura 16 – Avenida dos Aliados, Porto

## **1.3 - O Espaço Público e a qualificação de vida na cidade.**

### **1.3.1 - O Espaço Público.**

O espaço público é o ponto vital de uma cidade, nele se destacam, segundo GEHL e GEMZØE (2002:10) três usos: o encontro, o comércio e a circulação, sendo esta “a cidade tradicional” na visão de ambos (2002:14).

Segundo BORJA e MUXÍ (2001:27) “o espaço público define a qualidade da cidade, porque indica a qualidade de vida dos cidadãos e qualidade da cidadania”<sup>2</sup>. Não descurando de todos os outros elementos que compõe a mesma, deve ser entendido e concebido como um elemento diferenciador, que marca o espaço de convívio ou debate da cidade, e que é também ele o elemento dinamizador das variadas vivências. Por conseguinte, na Grécia a Astey (zona mais urbana, ou se quisermos a zona do espaço público) dispunha de uma Ágora, a praça principal da pólis grega, e foi fundamental para a democracia do seu povo, pois era o local dos debates políticos e assembleias do povo. Na Civitas Romana, o fórum era o centro da vida civil, o espaço público de excelência, onde toda a vida da cidade estava direccionada, onde se encontrava o centro administrativo e religioso, ladeado com edifícios do mesmo uso, e era composto ainda por uma praça, usada para fins políticos, religiosos e comerciais. Na Cidade Medieval, ainda que a praça fosse resultado de um vazio da estrutura urbana, era também o centro da vida urbana, onde inclusive, metade da praça era usada como mercado e outra metade em adro da igreja. Desde sempre a Praça foi um elemento marcante na cidade, porém o espaço público não se concentra só num espaço ao ar livre, cercado por edifícios, geralmente, também eles de serviço público.

Com efeito, falámos de praças como o elemento de maior impacto e relevância no espaço público, porém existem outros elementos, também

---

<sup>2</sup> Tradução livre da responsabilidade do autor. No original “l’espai públic defineix la qualitat de la ciutat, perquè indica la qualitat de vida de la gent i la qualitat de la ciutadania”.





Figura 17 – Variantes do Espaço Público de utilização livre

eles com a sua importância na cidade, e podemos então distinguir duas tipologias de espaço público, sendo que uma dessas tipologias é a de utilização livre (fig.17) e são eles os parques urbanos, jardins públicos e áreas ajardinadas de enquadramento; avenidas e ruas; praças, largos, praças, terreiros e recintos multifuncionais; espaços canais - vias férreas, autoestradas e vias rápidas; parques de estacionamento e margens fluviais e marítimas, segundo a classificação de BRANDÃO, CARRELO e ÁGUAS (2002:24) "que incide essencialmente, sobre aqueles tipos de espaços que constituem mais vulgarmente o objecto dos projectos de espaços públicos"; e os edifícios públicos, de utilização ou de acesso controlado (fig.18), que poderá ser



**Figura 18 – Variantes de Edifícios Públicos de acesso controlado**

entendido como “Equipamento” ou “Edifício Público” e, neste caso, estão inseridos os museus, centros expositivos, hospitais, centros educativos, entre outros.

Retomando o tema das praças, segundo TEIXEIRA (2001:9), percebe-se uma enorme variedade de praças, para variadas e diferentes funções, como “funções de mercado, em espaços que muitas vezes tinham a sua origem em campos e em terreiros localizados à margem das malhas urbanas e que posteriormente se transformavam em praças urbanas; funções militares, nomeadamente os campos associados às torres de menagem medievais e as praças de armas seiscentistas; funções políticas e administrativas, em que se incluem as praças associadas ao poder municipal, onde se localizavam a Casa da Câmara e o pelourinho; funções religiosas, associadas à origem de alguns destes espaços como adros de

igreja, terreiros de igrejas matrizes ou de conventos." Perante estas diferentes funções de praças, juntámos a definição de BRANDÃO, CARRELO e ÁGUAS (2002:26) que generalizam as praças, largos e pracetas como sendo "espaços livres centrípetos, por excelência, na cidade tradicional. Podem ter formas e dimensões diversas, são normalmente abarcáveis com a vista, e a maior parte do seu contorno é delimitado por edifícios", onde "predomina o tratamento de solo pavimentado destinado ao peão.", definindo as praças e largos " como elementos onde convergem ruas, linhas de transportes públicos, trajectos pedonais e outros, são lugares de forte centralidade, variando segundo a dimensão (de escala maior no 1º caso). Contém, frequentemente, mobiliário urbano". Os mesmos autores caracterizam as pracetas como "formas híbridas onde existe menor acessibilidade e permeabilidade (por exemplo, situações sem saída, também na variante impasse)" e os terreiros e recintos multifuncionais como "espaços públicos singulares, tanto do ponto de vista dimensional como funcional. Normalmente, são espaços constituídos por grandes plataformas rectangulares sensivelmente planas e com pavimento permeável, afectas a determinadas funções - como o estacionamento - que periodicamente acolhem actividades públicas, como feiras, festas, mercados ao ar livre, etc."

Diga-se então que (CASTRO, 2002:54) "o espaço público é uma determinação político-jurídica, mas também um produto do uso social, ou seja, existem espaços públicos inacessíveis ou proibidos, e outros que não são juridicamente públicos, mas têm um uso colectivo intenso" ao que o mesmo diz que "a noção de público não é, pois, uma qualidade intrínseca a um espaço, mas sim uma construção social e política que resulta da combinação de vários factores, nomeadamente dos usos aí confinados; do sentido que é atribuído por um determinado grupo social; da acessibilidade; da tensão entre o estrangeiro/anónimo e o reconhecimento/reencontro; da dialéctica entre proximidade e distância física e social". (CASTRO, 2002:54)

Percebe-se então que o espaço público é um factor importante na vivência da cidade e dos seus cidadãos, ao ponto que permite que no âmbito cultural ou/e social se destaquem dos restantes, onde a praça é o elemento diferenciador e marcante da paisagem urbana, assim como também os edifícios públicos, que merecem outro tratamento arquitectónico, capazes de serem percebidos de forma particular dos restantes. O espaço público marca a diferença na cidade, sugere um comportamento e uma atitude social que garanta a harmonia das populações, é nele que se promovem as cidades e as suas culturas, o palco onde as gentes se encontram, onde os espectáculos acontecem, onde a vida urbana tem mais encanto.

### **1.3.2 - A falência do Espaço Público.**

#### **1.3.2.1 - A perda da capacidade de resposta.**

Num mundo cada vez mais isolado de relações humanas e cada vez mais conectado pelos sistemas e redes informáticas, percebemos que existem espaços públicos degradados e desertos, que permitem estes ficarem à mercê do tempo, pois veja-se a teoria de BRANDÃO (2011:17) referindo que “as cidades serão feitas primordialmente de relações entre as pessoas, e destas com o solo, as ruas, praças, monumentos, movimentos, as árvores, os jardins e edifícios... e outras coisas de que se fazem os sítios”, provando então a teoria de GEHL e GEMZØE (2002:13) que “o rápido e vasto desenvolvimento dos novos meios de publicação e electrónica forneceu às pessoas uma interminável avalanche de informação sobre a comunidade e o mundo em geral”, sendo que deste modo “já não era necessário nenhum pregoeiro público”.

Entendemos então que estes são espaços centrais nucleares onde os elementos morfológicos que a compõe são de grande qualidade e importância para a prática das relações entre as pessoas. Contudo, o



**Figura 19 – Praça com ausência de pessoas, Viana do Castelo**



**Figura 20 – Centro Comercial com presença de pessoas, Braga**

crescente despovoamento que o Espaço Público vem adquirindo com o evoluir dos tempos e das sociedades, que cada vez mais se isolam nas suas habitações, é hoje um fenómeno problemático e que necessita de tratamento com carácter urgente para que a população possa voltar a usar um espaço que desde as primeiras civilizações concebeu com um propósito – a socialização.

Para percebermos este fenómeno podemos usar como exemplos as gerações mais velhas, que usavam o Espaço Público como a sua referência, o seu ponto de encontro, a sua sala de estar comum. Hoje, o entendimento de Espaço Público adquire outro sentido, pois novos colossos de betão absorvem as novas gerações que se concentram num só local, com um só objectivo – o comércio. A propósito, GRAÇA (s/ano:1) refere que se encontraram novas formas de viver uma cidade e os espaços públicos, como é o caso dos grandes centros comerciais, já que “num espaço que oscila entre a propriedade privada e o uso colectivo, deparamo-nos com uma envolvente onde está tudo organizado, onde o ambiente e a temperatura estão controlados, onde os nossos passos estão vigiados e onde as pessoas se sentem seguras, apesar de ser um local onde a ideia de interacção autêntica entre os cidadãos desapareceu por completo”.

Para INNERARITY (2006:107), a “ideia de espaço público está estreitamente ligada à realidade da cidade, aos valores da cidadania e ao horizonte da civilização”, e assim, reforçando a ideia de INNERARITY, SIMÕES (2005:18) refere que “os portugueses não têm, como os espanhóis, o gosto do uso da rua nem têm uma tradição de convivência ao ar livre como os povos da área mediterrânea que fazem da rua, da praça, uma segunda casa”, o que se traduz então na falta de povoação no nosso espaço público.

Então hoje percebemos que o Espaço Público mais nobre da cidade, que será a praça, só é frequentado de dia e por passagem. O espaço de excelência da cidade deveria ser “usado e abusado”, permitindo criar laços entre a sua comunidade. Porém, não podemos atribuir unicamente os

problemas a uma sociedade, pois para SIMÕES (2005:18) “as operações urbanísticas, quando promovidas pelos privados, tenderam sempre a investir nos espaços públicos tão pouco quanto possível.”

No seguimento destas teorias e reflexões, percebemos que o espaço público não é capaz de dar resposta a uma tendência e um fenómeno mundial, pois o paradigma do uso do espaço público tem sofrido uma mutação grave, ao qual o Homem, enquanto utilizador se propõe a usar e frequentar o que lhe oferece mais conforto, mais tranquilidade e mais segurança, neste caso o uso dos centros comerciais, os quais permitem num só espaço dar resposta a um conjunto enorme de factores e condicionantes a que o Homem se propõe. No entanto, o Homem enquanto promotor do espaço público, tem enormes responsabilidades na perda de resposta do espaço público aberto, pois o factor económico é um aspecto que é crucial nas novas construções, quer isto dizer que quando se constrói algo isso deverá garantir um retorno financeiro e futuramente um lucro, assim não sendo, não se constrói.

Estes factores tornam as praças, os centros culturais ou expositivos, e muitos outros equipamentos e espaços públicos obsoletos à sociedade, pois o investimento é mínimo e com contra-partidas e o “fenómeno centro-comercial”, torna-se muito mais agradável a todos, por reunir num só espaço tudo o que seja necessário, permitindo então que o espaço público não seja capaz de dar resposta a tamanha exigência social.

### **1.3.2.2 - A ausência de práticas sociais.**

Verifica-se que as populações mais novas, não são hoje, dadas a frequentar o espaço público. Conseguimos perceber este fenómeno quando falamos com pessoas de gerações mais velhas e nos dizem como eram passados os seus domingos, ou as suas idas à cidade. Percebemos que nessa época o espaço público, neste caso as praças, eram inundadas de pessoas que ali se juntavam para conversarem e se encontrarem, mas com

o passar dos anos verificamos que novos hábitos tem surgido e que nada dignificam as relações e a memória das nossas cidades e das nossas gentes.

Segundo GOITIA (2010:9), “tudo o que afecta o homem afecta a cidade(...)” e pela análise de CARVALHO (2003:35) “o rápido crescimento das cidades, com os novos paradigmas, modelos e tipologias urbanos (vivenda/cidade jardim; torre/cidade futurista), com o automóvel e a dispersão, com o desenvolvimento da especulação fundiária, com a diminuição da intervenção pública/aumento da iniciativa privada e a consequente importância do cadastro da propriedade, a cidade explode em múltiplas formas, que muitos consideram irracionais, desordenadas, geradoras de mau viver.” Contudo, podemos ainda acrescentar o pensamento de BENEVOLO (1995:14) ao referir que “as comunicações à distância tornam cada vez menos relevantes os efeitos da concentração física das actividades humanas, (...), onde a junção destas ditas necessidades produzem um efeito negativo na vivência (ou ausência de vivência) no Espaço Público, ou ditos velhos centros.”

No seguimento da visão de BENEVOLO, podemos acrescentar a ideia de FERNANDES (1995:36) que refere que “estes velhos centros são a resultante, na generalidade dos casos, do processo de urbanização das cidades, sobretudo a partir de finais do século passado, da evolução tecnológica nos transportes e telecomunicações e das alterações funcionais operadas na indústria e no comércio e da progressiva terciarização da vida urbana”, ao passo que PORTAS (2011:9) menciona que a “cidade, sem dúvida a maior criação física do Homem e uma das mais significativas criações do seu espírito, atravessa agora tempos difíceis da sua já longa história. Como instrumento e como obra de arte – que é, ou deveria ser paralelamente – a Cidade atual é geradora de atritos de toda a ordem que não favorecem a vida física e espiritual dos seus habitantes”.

Na mesma linha de pensamento de GEHL e GEMZØE (2002:14), MONTANER e MUXÍ (2014:117) explicam que “o predomínio das rodovias traz consigo um estilo de vida específico baseado no isolamento dentro da bolha



gerada pelo automóvel, fazendo com que tudo seja rapidamente acessível” determinando então que “a cidade real, agora é invisível pela velocidade e posição elevada do automóvel” onde a própria poluição visual, auditiva e ambiental que o automóvel produz, são factores que proporcionam a ausência de pessoas no E.P. Podemos ainda encontrar nas palavras de MONTANER e MUXÍ vários aspectos que promovem também a ausência de práticas sociais no espaço público, tais como: os Arranha-Céus, o edifício que se constrói em altura, que (2014:119) “cospe no espaço público, isola-se da cidade real, não permite que haja lugares de encontro, pois toda a vida social se centra no saguão e no elevador”; o centro comercial, onde (2014:120) “tenta substituir o espaço público da praça, do mercado, da galeria e da rua comercial cheia de pequenas lojas,” facto corroborado por ASCHER (2012:118) ao dizer que “as dinâmicas comerciais desestruturaram e reestruturaram as cidades em função das suas próprias lógicas”, pelo motivo de constituir uma “ocasião nova para os poderes públicos locais, que devem ser capazes de utilizar esta oportunidade no quadro das suas próprias estratégias urbanas”.

Destacámos assim diversos factores que impossibilitam a vida social no espaço público, onde resumidamente GEHL e GEMZØE (2002:20) expõe a principal problemática da ausência de práticas sociais no E.P.: “...uma sociedade na qual cada vez mais a vida diária acontece na esfera privada - em casas privadas, com computadores e carros privados, em espaços de trabalho privados e em centros comerciais estritamente controlados e privatizados...”

O motivo pelo qual se formou o espaço público já não é válido e assim observámos a sua morte anunciada, ao isolamento das pessoas nas suas casas ou o uso dos novos espaços públicos, capazes de oferecer segurança, conforto, acessibilidade, mas não a socialização, pois só é construído com um propósito: o comércio.

### **1.3.3 - A urgência de novas dinâmicas do Espaço Público.**

#### **1.3.3.1 - A necessidade de resgatar o E. P.**

O espaço público é fundamental para o equilíbrio e o bem-estar das pessoas, é o local que permite a cidade ter uma identidade, uma cultura e uma imagem. Na perspectiva de BORJA e MUXÍ (2001:112) “o espaço público, incluindo infra-estruturas e equipamentos, pode ser um importante mecanismo de integração e re-distribuição social.”<sup>3</sup> No entanto a cidade, deverá, segundo PARDAL e ESTEVES (2013:76) “ser capaz de se reinventar para responder aos objectivos estratégicos que assegurem um futuro com capacidade de gerar e acumular qualidade de vida”, o que com isto queremos dizer que no caso do espaço público este deverá sofrer alterações, ser re-pensado e re-desenhado, para ser capaz de responder aos novos desafios que as populações lhes colocam, assim como a cidade em si, para também, segundo BORJA e MUXÍ (2001:95), representar “um espaço onde no quotidiano hajam jogos, relações casuais entre as pessoas, de percurso diário entre as diversas actividades e de encontro...”<sup>4</sup>

BRANDÃO, CARRELO e ÁGUAS (2002:16) sustentam que “o bom desenho do Espaço Público, além de assegurar em muitos casos um adequado contributo para a valorização do património arquitectónico e urbanístico, para a reconversão das zonas ribeirinhas, para a recuperação do comércio tradicional, ou para a recuperação de áreas urbanas degradadas, torna-se cada vez mais uma parte própria da cultura urbana, da cidadania” e diga-se ainda que os mesmos definem como bom desenho do espaço público como (2002:18) “o desenho que serve o seu objectivo, é sustentável, eficiente, coerente e flexível, corresponde às expectativas e

---

<sup>3</sup> Tradução livre da responsabilidade do autor. No original “L'espai públic, incloent-hi la infraestructura i els equipaments, pot ser un important mecanisme de redistribució i integració social.”

<sup>4</sup> Tradução livre da responsabilidade do autor. No original “L'espai quotidià és el dels jocs, de les relacions casuais amb els altres, del recorregut diari entre les diverses activitats i de l'encontre; aquest espai coincideix...”



Figura 21 – Trafalgar Square (perspectiva geral), Londres



Figura 22 – Trafalgar Square (pessoas a descansar), Londres

necessidades dos utilizadores e fornece espaços aptos a serem apropriados, estimados e usufruídos pelas suas comunidades.”

É importante por isso “criar uma nova vida para os “velhos centros é um imperativo de salvaguarda do corpo das cidades, mas sobretudo, da sua alma e das suas gentes” (FERNANDES, 1995:36), sem abdicar da memória e identidade. Por outro lado também é necessário voltar a munir o espaço público de pessoas, promover actividades, dar um novo sentido ao espaço que liga as pessoas. Na mesma linha de pensamento de INNERARITY (2006:107), considerámos que “o espaço público é o espaço cívico do bem comum, por contraposição ao espaço privado dos interesses particulares”, e esse espaço é “oferecido” ao utilizador, não requer nada em troca a não ser o seu uso, ao contrário de outros espaços promovidos pelos particulares na vertente público-privado. É importante voltar a ter o uso e costume de se estar no espaço público, até porque como diz FERNANDES (1995:9), “cada cidadão é, ou deveria ser, um agente activo no processo de transformação da sua cidade”, mas porém se o próprio cidadão não é um agente activo, porque não participa, não usa ou frequenta o espaço público, este nunca poderá refutar o estado da cidade e a cidade também não perceberá quais serão as transformações necessárias para se re-inventar e consequentemente oferecer o melhor aos seus cidadãos.

INNERARITY (2006:109) foca-se nas ideias de Simmel, Bahrdt e Sennet para justificar que “a cidade é concebida como lugar onde têm podido conviver diferentes modos de vida, culturas (...)”, sendo que se pode concluir que quando se dirige à cidade, é na sua génese ao espaço público, referindo também posteriormente que (2006:131) “a dissolução da cidade realiza-se na tendência para a segregação social e funcional, para a homogeneização de grupos segundo os proventos económicos e o estilo de vida, para o fraccionamento social da cidade.” INNERARITY (2006:131) conclui ainda que “configuram-se desse modo unidades homogéneas e diferenciadas, sem relação entre si, onde dificilmente se realiza essa coexistência dos diferentes, dos estranhos e desconhecidos, num espaço



Figura 23 – Trafalgar Square (exibições de arte), Londres



Figura 24 – Trafalgar Square (concertos), Londres

não estruturado hierarquicamente”, o que provoca na cidade uma sensação de incerteza, de insegurança e desconforto, sendo que não conhecemos, porque não temos o interesse em conhecer as outras pessoas que passam por nós, que estão ao nosso lado num certo e determinado espaço da cidade. É de facto num isolamento a que se propõe o Homem viver, e não pode a civilização assim garantir que os povos partilhem as suas culturas, os seus conhecimentos e pensamentos.

Em suma, defendemos que o espaço público deve promover um harmonioso e equilibrado *modus vivendi*, deve ser protagonista da cidade e tornar as suas comunidades participativas, permitindo que todas as gerações sejam capazes de obter nestes espaços laços e relações pessoais, permitindo que as pessoas se vejam, se toquem, se cheirem. As relações serão assim mais sérias, mais dignas e capazes de promover outra confiança, que não é possível se nos “escondermos” atrás de um ecrã ou smartphone, pois estes itens tecnológicos não nos permitem ser confrontados, ou podem inculcar uma falsa sensação de segurança e conforto. Devemos criar “anti-corpos”, e para isso devemos saber e voltar a estar no espaço público, criar as relações com outras pessoas, garantir que a rotina diária não seja apenas a deslocação trabalho-casa e vice-versa. Não conhecemos mais ninguém a não ser aqueles a que estamos sujeitos diariamente e por obrigação, a vida no espaço público tem muito a oferecer e a receber. Assim se pode conseguir um equilíbrio harmonioso nas nossas vidas e nas nossas cidades.

### **1.3.3.2 - A Vivência Slow como resposta.**

A Revolução Industrial, a crescente Era Tecnológica, entre outros fatores, tem motivado uma corrida contra o tempo no quotidiano das sociedades, as pessoas esquecem-se dos valores, das tradições e da sua própria cultura e, conseqüentemente, de socializar in loco. O crescente ritmo frenético que toma a vida das pessoas permite que não sejamos munidos de tempo para as tarefas “menos” importantes do nosso quotidiano, por isso,

Antes de os relógios  
existirem, todos tinham  
tempo. Hoje, todos têm  
relógios.

Eno Teodoro Wanke

essas práticas de socialização no Espaço Público vêm perdendo importância e, conseqüentemente, deixam de ser um hábito, facto para o qual SIMÕES (2005:18) reforça que o tempo que dispensámos no espaço público é “tempo de trabalho” e ainda porque também “falta-nos o tempo”.

O Movimento Slow nasce através da Slow Food, pela vontade de Carlo Petrini em combater a gigante cadeia de refeições rápidas, a McDonald’s, defendendo que não era aceitável para a comunidade aquando da inauguração de um espaço comercial da gigante americana na Praça da Espanha Romana em Roma, pois os hábitos alimentares da comunidade iriam ser alterados. Através das filosofias adoptadas aquando do surgimento da Slow Food, nasceram outras aplicações para diversas áreas como o Slow Travel, Slow Sex, Slow Cities, Slow Work e Slow Schooling.

A filosofia do Movimento Slow não se prende com o facto de fazer tudo de maneira lenta, mas sim de sabermos equilibrar o ritmo com que fazemos as coisas, e de que modo as fazemos. Na gíria portuguesa temos um provérbio que pode ser incutido na filosofia do Movimento Slow, quando ouvimos dizer: “mais vale devagar e bem, do que depressa e mal”. Neste âmbito podemos observar que a filosofia Slow não nos diz para fazer as coisas devagar, mas sabemos que quanto mais depressa fazemos uma certa tarefa, estamos mais sujeitos a errar.

HONORÉ numa entrevista com a vice-presidente da câmara de Bra, local que é (2004:83) “o quartel general da Slow Food”, diz-nos que esta lhe disse que (2005:84) “o movimento slow era a princípio visto como uma ideia de algumas pessoas que gostavam de comer e beber bem, mas hoje tornou-se numa muito mais vasta discussão cultural acerca dos benefícios de fazer as coisas de uma maneira mais humana e menos frenética.”

Sabemos que “vivemos em condições muito diferentes daquelas em que a evolução genética moldou a nossa espécie. Mas a adaptabilidade do comportamento tem os seus limites, impostos por uma constituição hereditária, que só pode modificar-se a uma velocidade muito reduzida. Há



boas razões para supor que o limite de capacidade de adaptação do comportamento humano foi ultrapassado pelas alterações culturalmente determinadas no seu ambiente social, e por isso o homem é agora um inadaptado à sua própria sociedade." (TINBERGEN cit in MACHADO, 2005:110)

FERNANDES (1995:22) afirma que "é preciso mudar a imagem da cidade, dar-lhe confiança, alegria e destino e é preciso fazê-lo com rigor e base científica, mas também com grande sentido humano", e nesse sentido a filosofia do movimento slow enquadra-se neste pensamento. Poderemos concluir que no seio de tanta filosofia slow a economia abrandaria, mas (HONORÉ, 2004:86) "aderir à Cidade Lenta está a ajudar as cidades membros a lutar contra o desemprego e a insuflar vida nas suas economias" e está também até a "inverter os índices demográficos", revelando assim que as populações mais jovens que outrora saíram de localidades mais pequenas para as grandes cidades, estão a regressar "a casa em busca de um ritmo de vida mais calmo."

O Slow pretende então, na cidade, (HONORÉ, 2004:84) "diminuir o ruído e o trânsito; aumentar os espaços verdes e zonas pedestres; ajudar os produtores e lojistas locais; mercados e restaurantes a venderem os seus produtos; promover tecnologias que protejam o ambiente; preservar tradições estéticas e culinárias locais; e fomentar um espírito de hospitalidade e boa vizinhança", devolvendo assim a identidade dos seus centros históricos e a harmonia do comércio popular local.

### **1.3.3.3 - The High Line - O Redesenho para a Vivência Slow.**

Criada sobre uma plataforma elevada ao longo de mais de 2 km, por motivos relacionados com a segurança rodoviária e pedonal ao nível da rua, foi uma movimentada linha férrea de Nova Iorque e possuía uma importância relevante no tecido urbano para o transporte de mercadorias,

que teve a sua última circulação de comboio em 1980, pois a evolução do transporte rodoviário ditou a queda do trânsito ferroviário.

Um grupo de empresários com interesses económicos, e ligados ao mercado imobiliário tinha interesse na demolição da plataforma, mas Peter Obletz, admirador, defensor e residente na área da High Line, demonstrava-se e lutava contra os interesses dos empresários através dos tribunais. Contudo, durante o processo verificaram-se ainda assim algumas demolições de secções da plataforma, não conseguindo permanecer intacta toda a estrutura e percurso, sendo interrompido por edifícios construídos posteriormente.

Em 1999 é fundada uma associação de apoio à High Line - "Friends of the High Line", que tinha como objectivo preservar e converter a plataforma num espaço público aberto, pois com o crescente abandono desta, verificou-se o aparecimento de espécies vegetais o que levou os moradores a pensar que a estrutura seria um excelente espaço para colmatar a ausência de espaços verdes na cidade, mas também permitir novas perspectivas da cidade, dos bairros, e dos edifícios que atravessava. Em 2003 verifica-se a viabilidade económico-financeira do projecto e é seleccionado em 2004 o gabinete de arquitectura paisagística James Corner Field Operations, Diller Scofidio + Renfro e Piet Oudolf. Na sua proposta, os autores objectivam a sua estratégia na criação de espaços de estar, de circulação e de contemplação. Os espaços verdes foram concebidos com diversas espécies de vegetação, que proporcionam dinâmicas e experiências distintas ao longo do percurso, possuindo sempre a sustentabilidade como fio condutor. Para além destes aspectos, reservam a memória da via férrea, mantendo os carris em vários momentos, permitindo identificar a função para o qual a estrutura foi inicialmente idealizada.

Com abertura das várias secções em 2009, 2011 e 2014, hoje a High Line é utilizada como um espaço público que serve de refúgio à vida agitada que se vive no solo da cidade. A cidade reconheceu o contributo do projecto, o qual impulsionou positivamente o mercado imobiliário e o



Figura 26 – The High Line - Antes

comércio.

Verifica-se que a vontade de um grupo de cidadãos na preservação do património, perante a obsessão do lucro empresarial, possibilitou que a cidade ganhasse um novo fulgor através de um elemento que se achava perdido e desnecessário à estrutura urbana. Permitiu criar novas práticas vivenciais na sociedade, os quais eram, até então, vistos como insignificantes. A High Line criou numa cidade com uma realidade urbana frenética, um espaço capaz de garantir de diversos modos, a vivência slow necessária para que as pessoas possam-se re-equilibrar.



Figura 27 – The High Line - Depois

# **CAPITULO II - O ESPAÇO PÚBLICO PARA A DINAMIZAÇÃO DA ÁREA DA MURALHA EM AVEIRO.**

## **2.1 - Aveiro, a “Veneza Portuguesa”.**

### **2.1.1 - Identidade de Aveiro.**

Aveiro, cidade ímpar e conhecida como a "Veneza de Portugal", é capital do Distrito de Aveiro. Enquanto concelho, é constituído pelas freguesias de Glória e Vera Cruz (a área original da cidade), Aradas, Cacia, Esgueira, São Bernardo e Santa Joana, Eirol, Eixo, Nariz, Nossa Senhora de Fátima, Oliveirinha, Requeixo e São Jacinto.

Situada a cerca de 55 km a noroeste de Coimbra e a cerca de 70 km a sul do Porto, Aveiro é limitada a norte pelo município de Murtosa (através da Ria de Aveiro e por terra), a nordeste por Albergaria-a-Velha, a leste por Águeda, a sul por Oliveira do Bairro, a sudeste por Vagos e por Ílhavo (sendo os limites com este último concelho também feitos por terra e através da ria), e com uma faixa relativamente estreita de litoral no Oceano Atlântico, a oeste, através da freguesia de São Jacinto. Aveiro é caracterizada como um importante centro urbano, portuário, ferroviário, universitário e turístico.

Segundo os Censos 2011, o município de Aveiro tem uma população de 78450 habitantes numa área de 197,58km<sup>2</sup>, correspondendo a uma densidade populacional de 397,05 hab./km<sup>2</sup>.

Em 1418, Aveiro começava a mudar e o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra e donatário de Aveiro, manda cercar a vila de muralhas. Em 1422, as obras terminaram e Aveiro ostentava a sua muralha com nove portas. No ano de 1806, começou a ser demolida, a fim de usar a pedra nas obras do

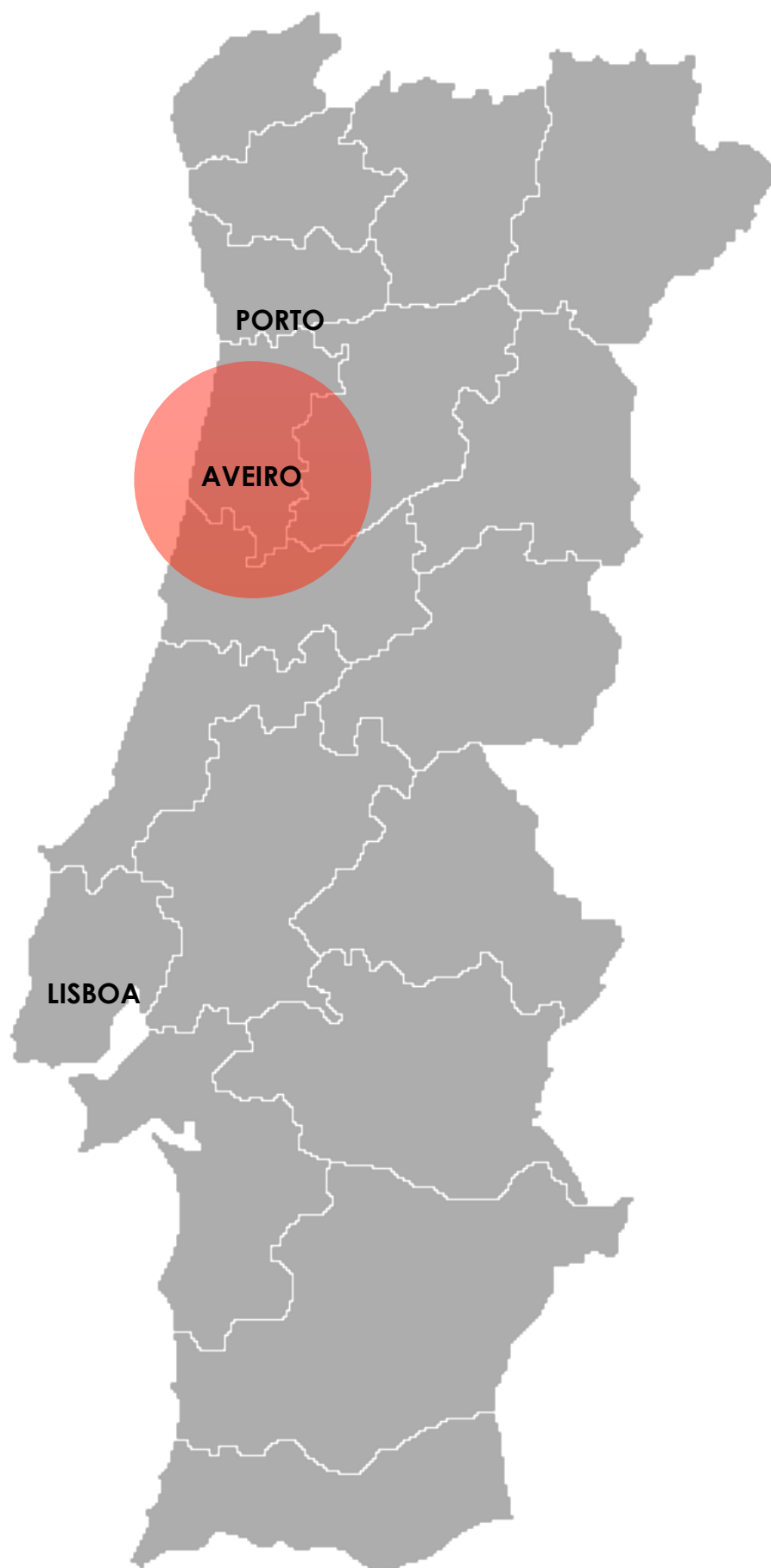


Figura 28– Mapa de Portugal - Localização de Aveiro (Distrito)



Figura 29- Ícones de Aveiro



novo porto de Aveiro.

Por motivos ligados à ria e à sua degradação, Aveiro sofreu um retrocesso no seu crescimento, o que originou uma diminuição do número de habitantes à época (finais do séc. XVI, princípios do século XVII). Em 1759 D. José I eleva Aveiro a cidade. Por motivos políticos em Abril de 1759, Aveiro é denominada por "Nova Bragança", porém, após D. Maria I se tornar rainha em 1777, esta mandou voltar a cidade à sua anterior designação.

Hoje Aveiro possui um rico património arquitectónico pelas suas construções da Arte Nova, mas também pelos palheiros de sal no Canal de São Roque, pelos edifícios de carácter religioso, entre outros que se destacam na paisagem urbana Aveirense. Porém a gastronomia de Aveiro também se destaca e tem nos famosos ovos moles a coqueluche da cidade, atraindo os turistas ao vasto comércio desta iguaria.

A cidade oferece também um vasto leque de atracções aos seus visitantes e cidadãos, mas tem o seu destaque cultural nos passeios de moliceiro pela ria aveirense.

### **2.1.2 - Muralha Aveirense.**

Centro da cidade, foi também em tempos zona nobre da cidade devido à existência da muralha que limitava todo o seu perímetro.

Segundo BARREIRA (2012) na sua consulta de dados e informações sobre a muralha aveirense, a sua construção foi iniciada no ano de 1418 sob a administração do Infante D. Pedro com a autoria de Lourenço Eanes de Morais. Porém em 1413 já se protestava contra a sua construção, pois os habitantes não aceitavam pagar as obras da muralha e o que lhe era inerente.

Ao que se sabe, a muralha demorou 30 anos a ficar concluída, contrariamente ao que se diz, pois pensava-se que tinha demorado apenas

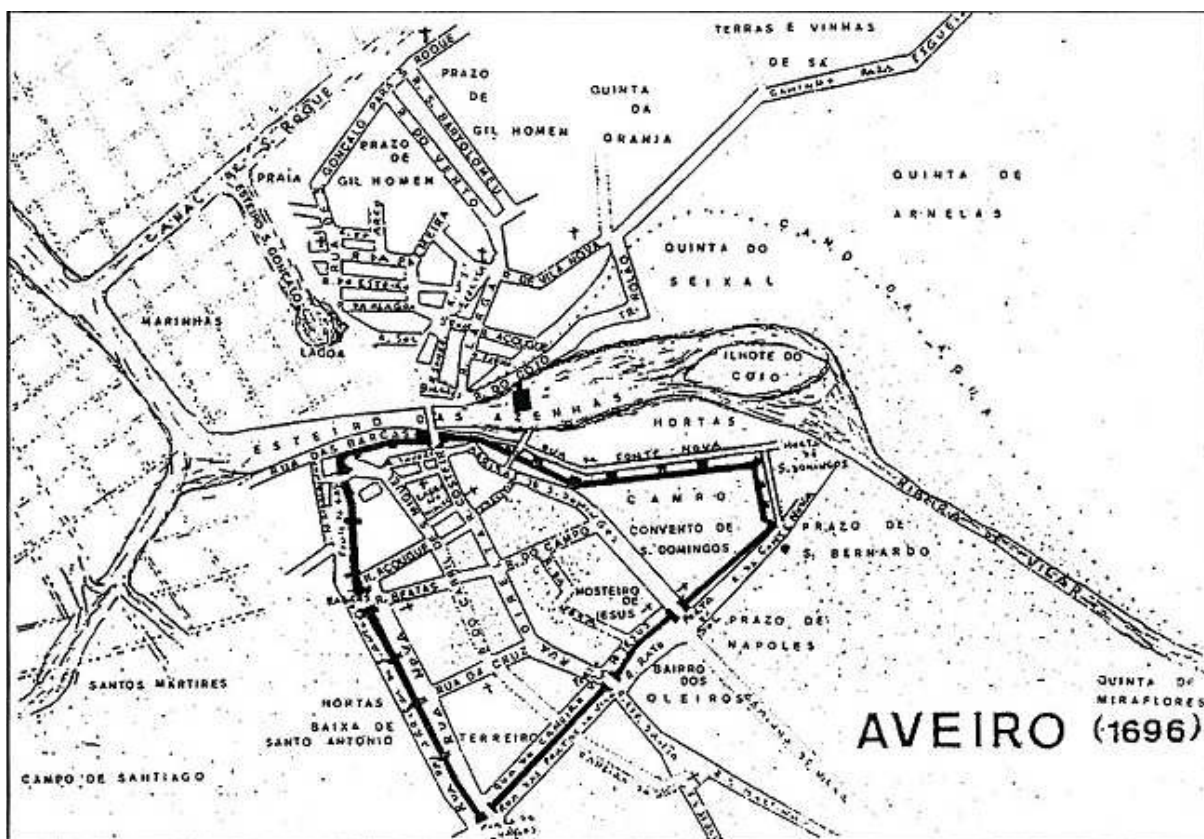


Figura 30 – Mapa da Muralha Aveirense, 1696

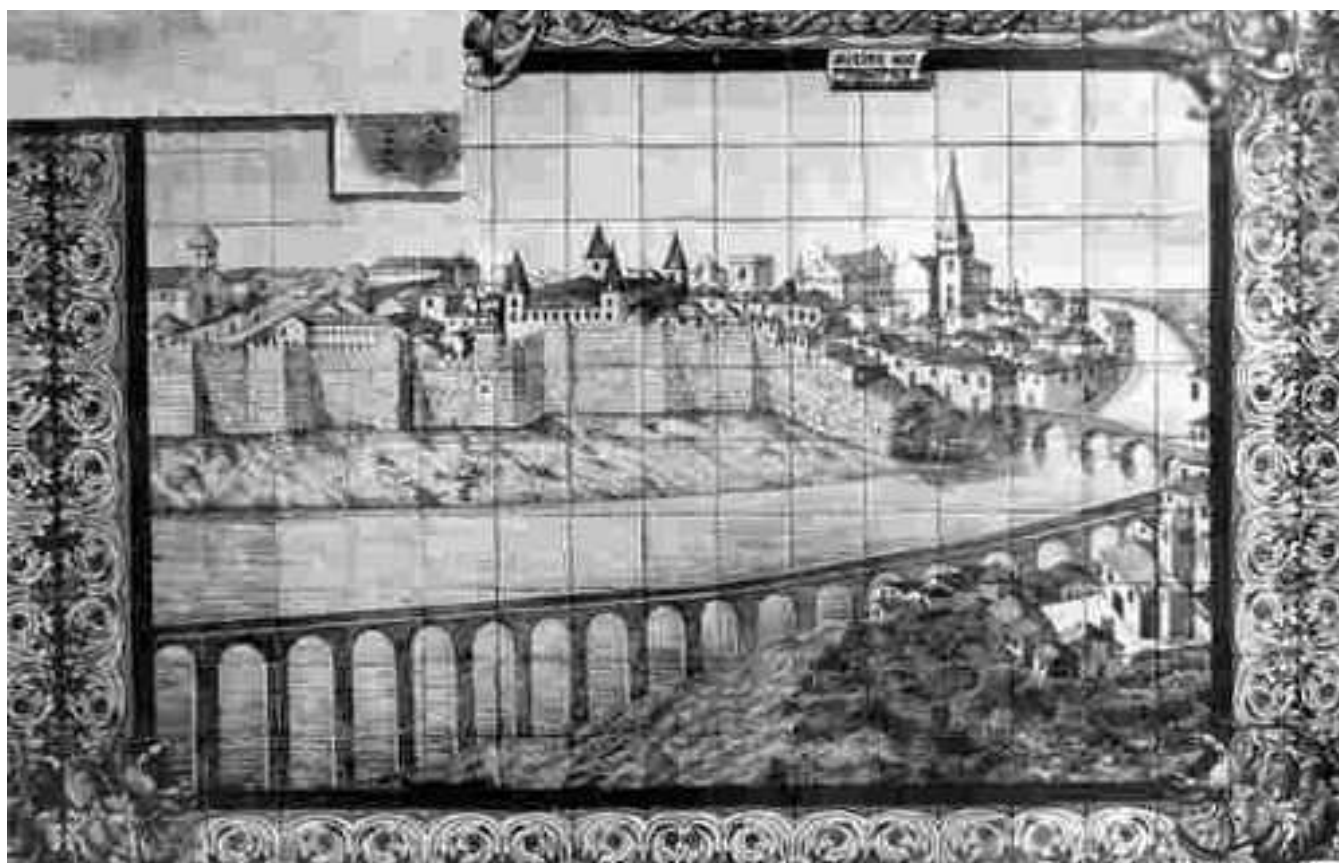


Figura 31 – Painel de Azulejo da Muralha Aveirense, Estação de Caminhos de Ferro de Aveiro

4 anos, é até caracterizada como “um muro que cercava a cidade”, pois era pouco alto e tinha pouca espessura, medindo 3 metros de altura e apenas 1 metro de largura, segundo BARREIRA (2012). Muro esse que aquando a sua demolição e devido à escassez de pedra na região, foi toda utilizada na construção de vários edifícios, da Barra, dos liceus, dos paredões dos canais e também na reparação das próprias casas dos moradores da zona da muralha, e por isso, hoje não se verificam vestígios da presença dessa muralha.

Porém, de raiz medieval, encontra-se uma estrutura de quarteirões, aparentemente "desorganizados", compostos por edifícios (habitação com comércio no rés-do-chão, maioritariamente) e logradouros, onde o edifício se relaciona imediatamente com a rua.

Hoje, encontram-se neste perímetro alguns edifícios com uso relevante, como é o caso da Câmara Municipal de Aveiro, o Teatro Aveirense, Núcleo dos Arquitectos de Aveiro (edifício de Fernando Távora) Governo Civil de Aveiro, Tribunal, Museu de Aveiro, Sé Catedral de Aveiro, entre outros, assim como praças, que perdem o destaque para a periferia, neste caso para o Fórum Aveiro.

Destacam-se também as ruas que, ora alargam, ora afunilam, causando assim dinâmicas ímpares de vivência no percurso destas. Por exemplo, a antiga Rua Direita, hoje rua de Coimbra era o "eixo" que articulava todo este perímetro.

Morfologicamente, a zona não sofre grandes declives, sendo que na sua relação com a ria, podemos considerar que a zona da "muralha" se encontra relativamente mais alta, o que permite obter também uma vista superior sobre a ria ao contrário de quem circula fora desta zona.

## 2.2 - Projectos de Referência.

### 2.2.1 - As re-criações dos limites do Muro de Berlim.

Sabendo que as memórias do Muro de Berlim estão associadas a aspectos menos positivos da história mundial, a dimensão de tais acontecimentos não foram deixados no esquecimento e podemos observar diversas actividades que homenageiam as suas vítimas mas também que simbolizam a sua presença territorial e o marco que foi na cidade.



Figura 32– Mapa do Muro de Berlim

Criado para separar os socialistas dos capitalistas em 1961 pela República Democrática Alemã, o Muro de Berlim foi um elemento que não possibilitava o contacto de pessoas de dentro para fora, e vice-versa(fig.33), pois era vigiado e com fortes medidas de segurança, sendo inclusive que existiam ordens para matar quando se verificassem transgressões, pois alguns dos motivos que levavam os populares a transgredir as regras seria a necessidade de voltar para junto das famílias, onde muitas delas estavam separadas pelo muro. O próprio muro simbolizava a separação da Alemanha em duas partes, sendo uma parte a República Democrática Alemã, de carácter socialista e com políticas soviéticas; a outra parte, a República Federal da Alemanha que era a aliança dos países capitalistas.



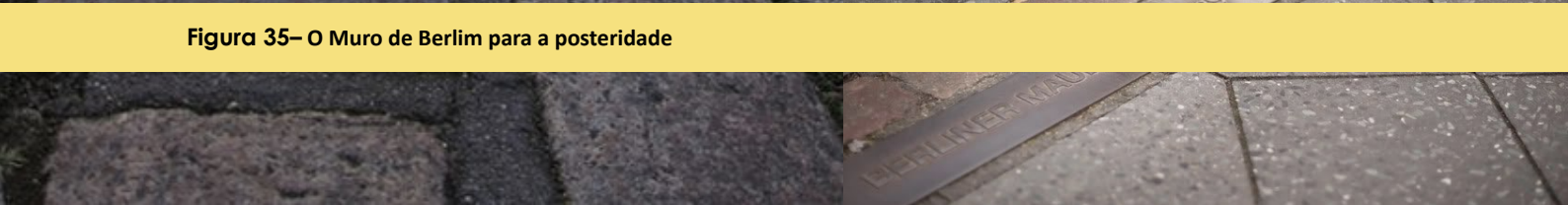
Figura 33– Muro de Berlim



Figura 34– Celebração dos 25 anos da queda do Muro de Berlim



Figura 35– O Muro de Berlim para a posteridade



Uma das actividades de homenagem foi uma instalação de arte para a celebração dos 25 anos da queda do Muro de Berlim (fig.34), que se fez reconstruir através de 8000 balões luminosos. Numa distância de 15 kms estes balões voltaram a "erguer" o muro e mostrar ao mundo os seus limites físicos, numa clara alusão à recuperação da memória.

Podemos encontrar outros elementos que simbolizem e marquem a presença do muro na cidade, como é o caso da sinalização e a diferenciação de pavimento (fig.35) que se encontram nas ruas de Berlim, possibilitando que hoje e futuramente, as gerações mais novas, os turistas, e até os próprios habitantes possam conhecer ou re-viver os limite que outrora separaram as povoações.

Num simples acto de dar um passo em frente, os habitantes de Berlim podem se lembrar que outrora esse simples movimento não era possível, e se o fizessem poderiam sofrer as consequências de um regime claramente ditador.

A simples presença destes balões e lajetas, permite que as pessoas tenham conhecimento dos limites físicos do muro, perceber a barreira que este determinava na cidade e nas pessoas, mas também permite que se perceba a liberdade que hoje a cidade e os habitantes possuem. Claramente que o Muro de Berlim não foi um acontecimento positivo da história mundial, contudo as entidades decidiram, assim como os cidadãos, adoptar e eternizar algo que fez parte do passado, pertenceu à sua evolução, moldou mentalidades, mas sobretudo está na história e cultura da cidade, facto que não pode ser anulado nem esquecido, quer pela sua dimensão histórica, quer pelo sentido social e humano.



## **2.3 - Ensaio Projectual na área da Muralha Aveirense.**

### **2.3.1 - A recuperação da memória da Muralha Aveirense.**

Se pararmos e olharmos para Aveiro, numa tentativa de perceber a identidade urbanística da cidade, dificilmente se perceberá que se trata de uma cidade medieval, e que esta possuía uma muralha.

É neste sentido que considerámos que a cidade deve voltar a ter na muralha a sua identidade e promover na sua área a vida pública, lembrar o seu carácter e introduzir na cidade o seu espírito e simbologia da era medieval. Pretendemos que a muralha volte a estar na vida dos Aveirenses (fig.36), que permita identificar novamente a sua génese territorial, mas também que seja um novo modo de viver este espaço, num espaço que é pensado no Homem e que este possa “dentro da muralha” viver em equilíbrio e de modo harmonioso com os restantes habitantes, retomando até os velhos hábitos que se foram perdendo com a velocidade a que nos temos que sujeitar hoje, partindo da ideia que “tempo é dinheiro”.

Parte-se como estratégia de intervenção “dentro dos muros”, a uniformização do pavimento, remetendo e lembrando o utilizador que circula e se insere num ambiente pensado na sua segurança e bem-estar, como outrora foi pensado. Desse modo, o espaço é programado para funcionar para o Homem, abolindo o máximo de ocupação e circulação automóvel, que se limita a circular em duas vias, onde cada uma destas se resume a um sentido único (via poente circula no sentido norte-sul e via nascente circula no sentido sul-norte (fig.38), apenas deixando o regular funcionamento da Avenida Sta. Joana, pela importância que tem na estrutura viária da cidade, mas também ela uniformizada no pavimento pelos limites da muralha que a marcam, e introduz uma nova dimensão sensorial aos automobilistas que circulam numa via que outrora era uma barreira na entrada da cidade.

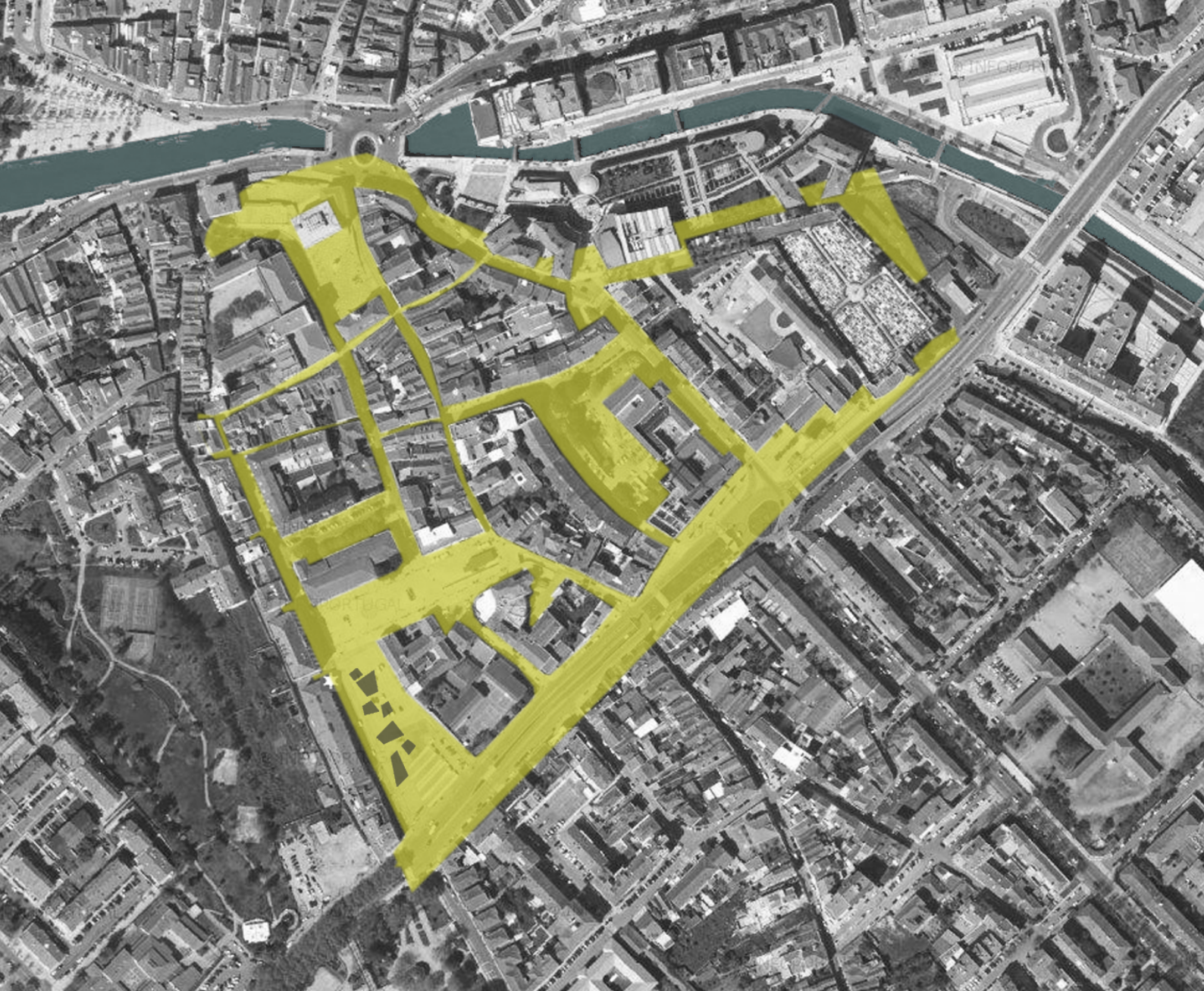


Figura 36– Área de intervenção dentro da Muralha Aveirense

Figura 37– Áreas de limite de intervenção



Em certos momentos, o pavimento é rasgado com espaços verdes que permitem o utilizador reconfortar-se e descansar nestes espaços, servindo como nichos de introspeção e de equilíbrio à sua vivência. Nestes espaços podem usufruir do momento slow do seu dia, e assim desfrutarem de uma leitura de um livro, de uma sesta à sombra das variadas árvores, conversarem com outras pessoas, ou permitirem a si próprios obter um tempo com os familiares.

Os mesmos espaços verdes permitem obter e reforçar as circulações e direcções, provocando também diferentes perspectivas da zona convidando as pessoas a “entrarem” em diferentes ruas (fig.39) , onde por exemplo junto à rotunda da entrada da cidade, o espaço verde que se insere entre dois edifícios se curva e permite que a antiga Rua Direita ganhar visibilidade e assim convidar o utilizador a circular “dentro da muralha” e pela rua principal da era medieval.

As praças são outro elemento fundamental na organização do espaço público, pois reorganizam-se para servir os cidadãos e permitem uma relação mais forte com os edifícios que as circundam. Estas são o foco principal do espaço público e por isso adoptam uma linguagem geométrica mais rigorosa, assente numa forma rectangular, assumem a importância que devem ter na vida social da cidade. Todas elas adoptam espelhos de água (fig.40), reforçando a imagem da ria na cidade, mas também um elemento capaz de transmitir mais serenidade e calma ao Homem que usa a praça para se abstrair de tudo o resto. Estes espaços são pensados no conforto e segurança do Homem, concebidos numa filosofia assente num equilíbrio entre o rápido e o lento, permitindo as pessoas, nestes espaços, se equilibrarem e se poderem libertar dos aspectos stressantes da vida moderna, retomando as ligações sociais que se criam no espaço público, permitindo os utilizadores se conhecerem, conversarem e desfrutarem da memória e cultura Aveirense, mas também assumirem um novo modus vivendi, mais equilibrado e não se concentrar no isolamento e na velocidade que se apregoa nas cidades e seus cidadãos.



**Figura 38–** Maqueta virtual com esquema de circulação viária



**Figura 39–** Espaços verdes e espaços de circulação



Figura 40– Praça e espelhos de água

### 2.3.2 - Centro Expositivo como agente de vivência Slow.

O Centro Expositivo insere-se no universo Aveirense na perspectiva de oferecer aos habitantes e utilizadores uma alternativa, no âmbito cultural e “dentro de muros”, que proporcione e incuta nos mesmos o sentido de abrandar, e com isto observar e analisar a arte que se expõe. Esta estratégia pressupõe promover a calma em vez da velocidade, e a análise em vez da conclusão imediata, que hoje devido à “correria” que são as nossas vidas, invadem a sociedade, prejudicam-nos a nós próprios e a quem nos rodeia.

A implantação resulta de um vazio na área da Muralha, e possui uma forte ligação visual com a Avenida Sta. Joana (fig.41), provocando um contacto imediato e capaz de convidar as pessoas a visitarem as suas exposições. Do seu posicionamento refira-se ainda que é colocado junto a uma praça (fig.40 e fig.42), permitindo que ambos se relacionem e que se promovam mutuamente, sendo que a praça no seu topo sul incita a entrada no centro de exposições e vice-versa. Diga-se que podemos antes e após a visualização das obras expostas, limpar a mente e preparar os nossos

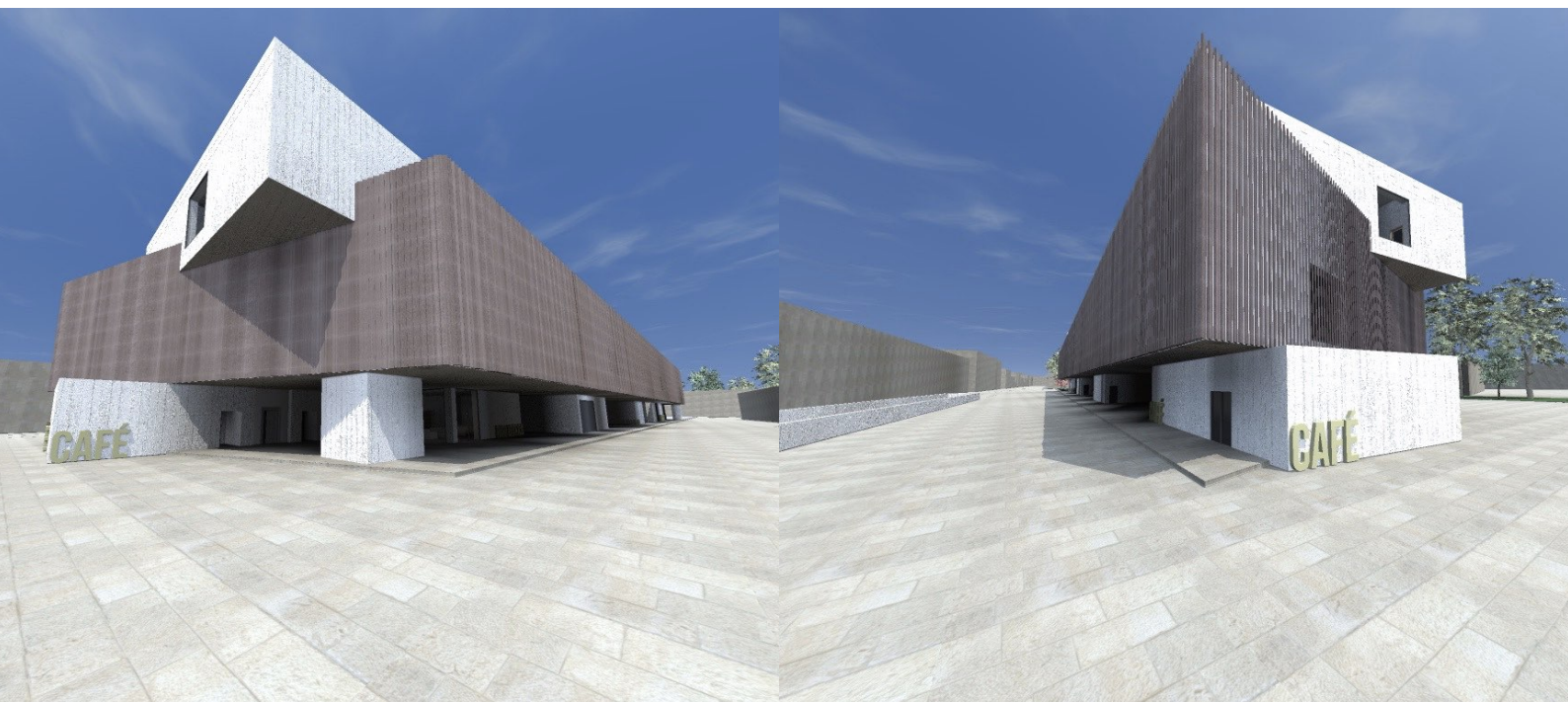


Figura 41 Centro Expositivo visto da Avenida Sta. Joana

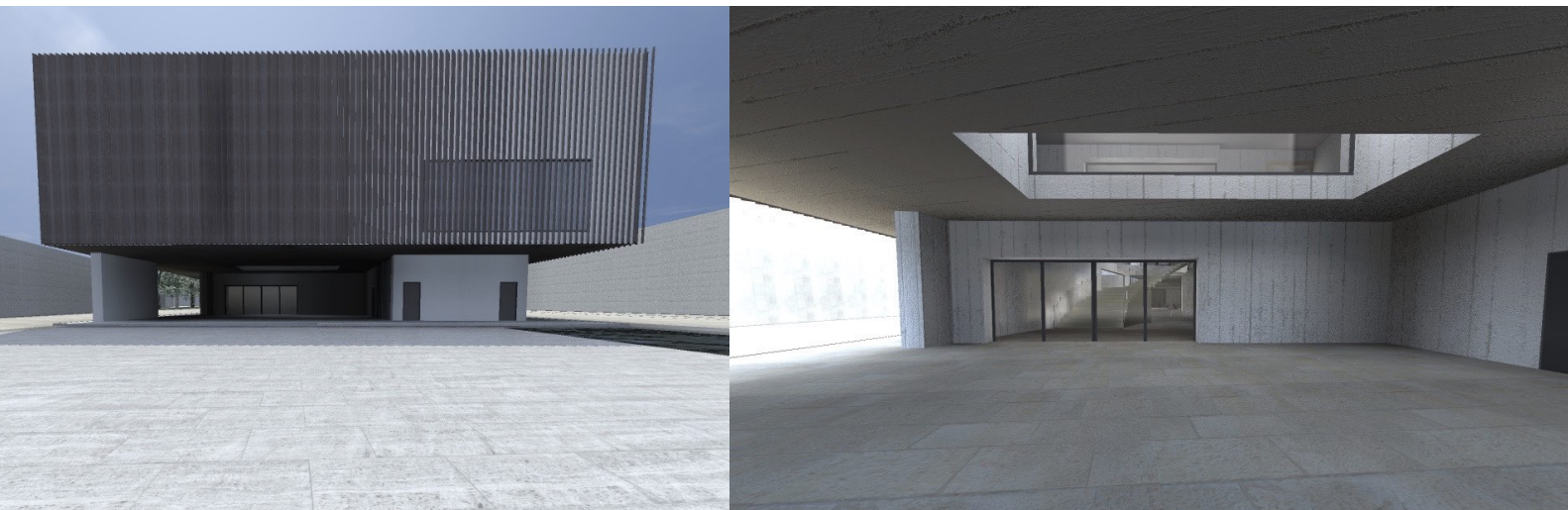


Figura 42– Relação física e visual da praça com a entrada principal do Centro Expositivo



Figura 43– Espaços de circulação



Figura 44– Vista Sudoeste do Centro Expositivo

sentidos na praça, ou reflectir sobre o que visualizámos e obtermos uma reflexão enquanto estamos na praça, discutindo com outros utilizadores, as sensações e conclusões que tiramos do que visualizaram.

O centro expositivo tem como programa no piso da cave, um estacionamento público, com uma entrada (pela zona norte) e duas saídas (uma pelo lado nascente e outra pelo lado poente), onde se garantem os acessos (zona exterior do edifício no rés-do-chão ou cobertura para acesso ao café) pelas escadas ou pelo elevador.

No rés-do-chão existem vários volumes que estruturalmente sustentam o edifício, que servem a comunidade de formas distintas, pela entrada ao centro expositivo e respectivos gabinetes e acessos, espaço internet, espaço polivalente, zonas técnicas, zona de cargas e descargas do espaço expositivo, biblioteca, armazém do café e respectivos acessos públicos e privados ao mesmo. Neste piso considerámos a fluidez que os percursos pedonais exigem, optando por criar estas volumetrias autónomas, garantindo assim a permeabilidade (fig.43), quer visual como de percurso, mas também que a "massa" ou o "peso" do edifício se concentre no 1º piso, o piso expositivo, sendo que o seu revestimento em ripado de madeira, que alude aos palheiros da zona de Ílhavo, reduz o ruído visual e permite que o "peso volumétrico" seja reduzido com a leveza que o material lhe confere (fig.44).

No 1º piso temos os diversos gabinetes, que garantem o funcionamento do programa expositivo, salas de reuniões, sala de espera, entre outros, e seguidamente temos um foyer, uma zona exterior de estar, onde se aguarda a entrada na zona expositiva (fig.45), com um percurso dinâmico, para assegurar que toda a exposição é apreciada na devida altura e não toda de uma só vez, de forma imediata.

No piso da cobertura, "oferece-se" uma praça elevada, que permite obter vistas e panorâmicas ímpares da cidade e da zona da muralha (fig.46). Neste piso encontra-se também um café e pequenos espaços cobertos, que



servem como nichos de introspecção ou a fuga dos espaços mais agitados, mas presentes no espaço público.



**Figura 45– Átrio, Foyer e Zona Expositiva do Centro de Exposições**



Figura 46– Café, espaços cobertos e vistas cênicas que se apreciam da cobertura do Centro Expositivo



# **CONCLUSÃO**

Em jeito de conclusão, o presente trabalho pretende analisar a problemática que se verifica hoje no Espaço Público. Pretendemos com este estudo, constata-se que o espaço público desde os seus primórdios foi concebido para a socialização, como espaço de encontro, de trocas, de espectáculo, de debate e também de pausa, sendo que com os diversos avanços a que a sociedade se teve que adaptar, mais concretamente com a industrialização e com a era tecnológica, pois sabemos que o Tempo condiciona a vida de cada um; tudo na vida está cronometrado, o que origina vivermos com os olhos no relógio, retirando-nos tempo para aquilo que achamos que é desnecessário - o espaço público perdeu a importância e o uso que lhe era devido, onde o próprio crescimento da cidade e a sua consequente descentralização promoveram diversos “centros” despovoados, muito também pela falta de cultura da vivência de rua. Podemos também admitir que a falta de adaptação ou re-adaptação das diferentes tipologias de espaço público da cidade, quer seja da função ou do desenho, promovem o desinteresse gradual na utilização dos mesmos. É necessário por isso, provocar mudanças para captar o interesse das pessoas.

Nesse sentido quisemos estudar essa problemática, concretamente em Aveiro, e analisar aquilo que na cidade o tempo deixou para trás: as suas memórias; a sua identidade; verificando que Aveiro perdeu umas das suas maiores riquezas: a muralha.

Partimos então com a estratégia de introduzir novamente em Aveiro a muralha, re-criada pela uniformização de todo o seu pavimento dentro dos seus limites, destacando-se de um modo simples, sem permitir grandes ruídos visuais ao nível do pavimento, para que se reforce a imagem do poder e da segurança, que outrora se sentiu no interior das muralhas. Limita-se também o trânsito automóvel em certos pontos estratégicos e dá-se prioridade ao estar e à circulação pedonal, atribuindo-se deste

modo um grande destaque à vida social, propondo espaços ajardinados, com presença de água, o re-desenho de praças, para que se gerem novas vivências e laços sociais tanto na população Aveirense, como também aos que a visitam, inculcando deste modo o espírito da vivência slow.

A estratégia possibilita que a população ouse ter um espaço público capaz de promover um espírito de cidadania e de vivência de rua, onde possam ter um espaço, um momento de pausa e de convivência com a sociedade, por necessidade do Homem ou por a cidade carecer que o seu Espaço Público capte o interesse da população e daquilo que o rodeia: os equipamentos, os jardins, a arte urbana, ou simplesmente, a vida urbana que é inerente ao funcionamento da cidade e da cidadania.

Com isto, concluímos que através das estratégias propostas e deste movimento, que tem sido adoptado cada vez mais por cidades e cidadãos, considerámos que é importante para o Homem e para as cidades, retomar os velhos e bons hábitos, como também preservar as memórias e promover momentos de pausa que lhe permitam recuperar forças e energias para a agitação do dia-a-dia, ou até para renovar laços sociais entre a população. Aveiro, com esta estratégia pode valorizar o que outrora foi “desvalorizado”, esquecido, ou nunca conhecido, percebendo a relação social que é necessária para o seu próprio equilíbrio e bem-estar.

## **BIBLIOGRAFIA**

**ASCHER**, François, (2012) (3ª ed.) – *Novos princípios do urbanismo*, Lisboa, Livros Horizonte.

**BENEVOLO**, Leonardo, (2006) – *A Cidade e o Arquitecto*, Lisboa, Edições 70.

**BENEVOLO**, Leonardo, (1995) – *A Cidade na história da Europa*, Lisboa, Editorial Presença.

**BORJA**, Jordi, **MUXÍ**, Zaida, (2001) - *Espai Públic Urbà, L'espai públic: ciutat i ciutadania*, Barcelona, Diputació de Barcelona.

**BRANDÃO**, Pedro, (2001) – *O Sentido da Cidade*, Lisboa, Livros Horizonte.

**BRANDÃO**, Pedro, **CARRELO**, Miguel e **ÁGUAS**, Sofia, (2002) – *O Chão da Cidade*, Amadora, Centro Português de Design.

**CARVALHO**, Jorge, (2003) (1ª ed.) - *Formas Urbanas*, Coimbra, Minerva Coimbra.

**FERNANDES**, Gomes, (1995) – *A Tentação da Cidade*, Maia, Fundação Eng. António de Almeida.

**GEHL**, Jan, **GEMZØE**, Lars, (2002) – *Novos Espaços Urbanos*, Sabadell (Barcelona), Editorial Gustavo Gili.

**GOITIA**, Fernando Chueca, (2010) (8ª ed.) - *Breve História do Urbanismo*, Lisboa, Editorial Presença.

**HONORÉ**, Carl, (2004) (1ª ed.) – *O Movimento Slow*, Cruz Quebrada, Estrela Polar.

**INNERARITY**, Daniel, (2006) – *O Novo Espaço Público*, Lisboa, Editorial Teorema.

**LAMAS**, José, (1993) (1ª ed.) – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

**LYNCH**, Kevin, (2007) – *A Boa Forma da Cidade*, Lisboa, Edições 70.

**LYNCH**, Kevin, (2014) – *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70.

**MONTANER**, Josep Maria e **MUXÍ**, Zaida, (2014) – *Arquitetura e Política*, São Paulo, Gustavo Gili.

**PARDAL**, Sidónio e **ESTEVES**, José Poças, (2013) – *Ser autarca*, Lisboa, GAPTEC e SaeR.

**PORTAS**, Nuno, (2011) (4ª ed.) – *A Cidade como Arquitetura*, Lisboa, Livros Horizonte.

**SALGUEIRO**, Teresa Barata, (1999) (3ª ed.) – *A Cidade em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.

**TEIXEIRA**, Manuel Correia, (2001) – *A Praça na Cidade Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.



## **PUBLICAÇÕES**

**COELHO**, Carlos Dias, (2013) – *O tecido - Leitura e interpretação*, Cadernos Morfologia Urbana, Estudos da cidade portuguesa - Os Elementos Urbanos, N.º 01, pp. 12-35, Lisboa, Argumentum.

**MACHADO**, Paulo, (2005) – *O Desencontro Urbano. Questões Geracionais na humanização da cidade*, Cadernos Edifícios - Humanização e vitalização do espaço público, N.º 04, pp. 109-129, Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Divisão de Edições e Artes Gráficas.

**SIMÕES**, Duarte Nuno, (2005) – *Espaço Público, Orgulho e Cidadania*, Cadernos Edifícios - Humanização e vitalização do espaço público, N.º 04, pp. 17-27, Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Divisão de Edições e Artes Gráficas.

## **WEBGRAFIA**

**BARREIRA**, Manuel; disponível em: <<http://www.aderav.com/quemsomos/registos/revista-patrimonios/patrimonios-n-1/as-muralhas-da-vila-de-aveiro-em-1692-segundo-o-tombo-da-casa-de-aveiro/#.VWmP02Agf3b>>, acedido a 30 de Maio de 2015.

**CARMONA**, Olívia e **MOREIRA**, Rogélia, disponível em <[http://geografia.paginas.sapo.pt/Rede\\_Urbana/criterios\\_de\\_definicao\\_de\\_cidade.htm](http://geografia.paginas.sapo.pt/Rede_Urbana/criterios_de_definicao_de_cidade.htm)>, acedido a 6 de Abril de 2014.

**CASTRO**, Alexandra; disponível em: <[http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/3392/1/Cidades2002-5\\_Castro.pdf](http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/3392/1/Cidades2002-5_Castro.pdf)>, acedido a 25 de Fevereiro de 2014.

**GOUVEIA**, Helena Ferro de, disponível em: <<http://visao.sapo.pt/25-anos-da-queda-do-muro-de-berlim=f800895>>, acedido a 9 de Junho de 2015.

**GRAÇA**, Miguel Silva, disponível em: <<http://www.e-cultura.pt/Anexos/«EspaçosPublicos%26Privados»%20.pdf>>, acedido a 2 de Novembro de 2014.

**PEREIRA**, Ricardo, disponível em: <<http://www.lissabon.diplo.de/Vertretung/lissabon/pt/06/25-Jahre-Mauerfall-pt.html>> acedido a 9 de Junho de 2015

**SALGUEIRO**, Teresa Barata, disponível em: <[http://www.apgeo.pt/files/docs/Inforgo/INFORGEO\\_14\\_p065a076.pdf](http://www.apgeo.pt/files/docs/Inforgo/INFORGEO_14_p065a076.pdf)>, acedido a 1 de Dezembro de 2014.

**s/autor**, disponível em: <<http://movimientoslow.com/pt/filosofia.html>>, acedido a 5 de Maio de 2015.

**s/autor**, disponível em: <<http://www.thehighline.org>>, acedido a 11 de Agosto de 2015



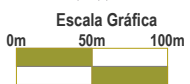
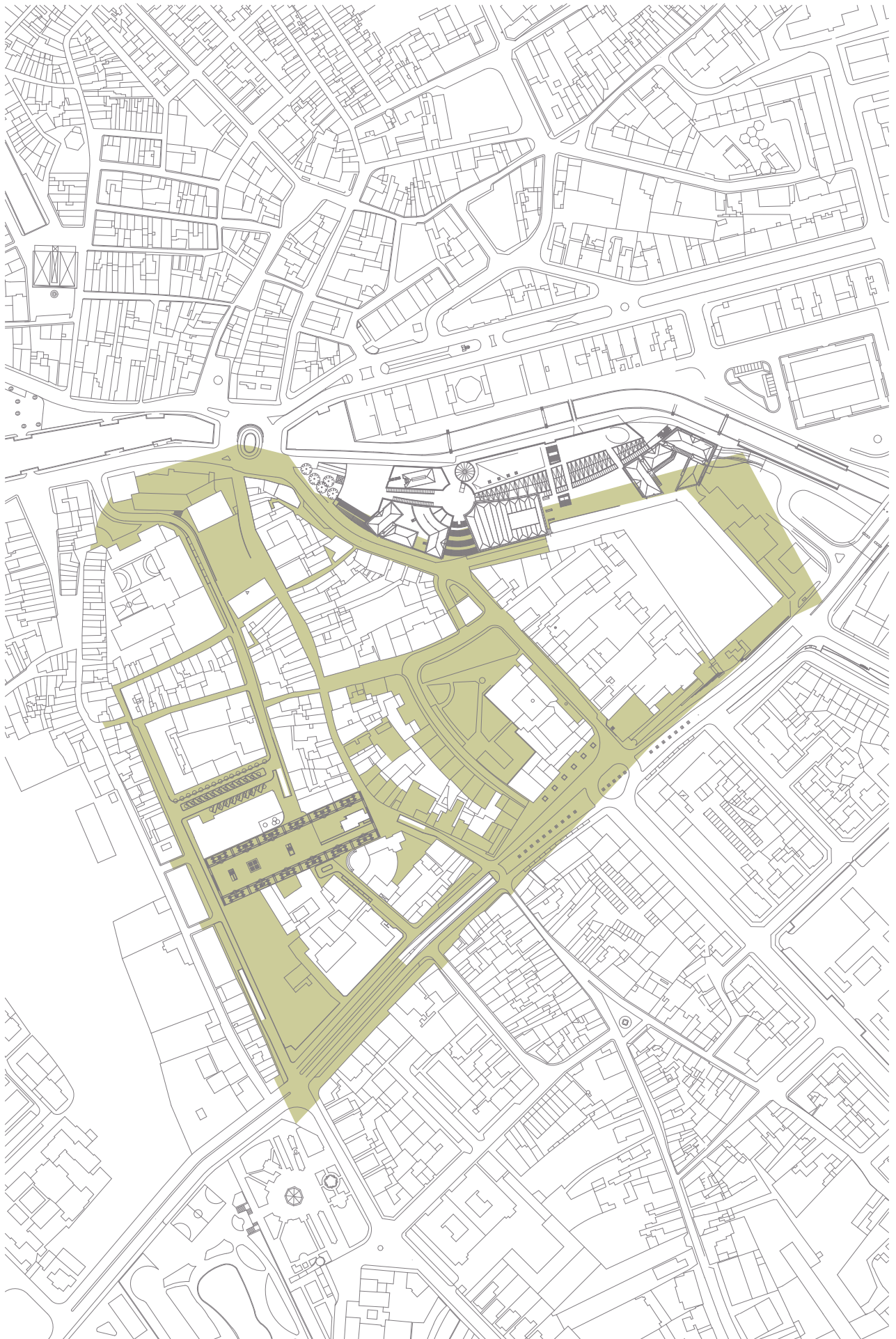
# **ANEXOS**

**DESENHO URBANO**



Figura 47– Planta de Implantação (Desenho Urbano)

intervenção no espaço público



CIX

**Figura 48– Planta de Arranjos Urbanísticos**

- edifícios envolventes
- centro expositivo
- lajetas de granito (praças)
- área exterior da muralha
- espelho de água
- ria de aveiro
- área interior da muralha  
lajetas de granito
- áreas ajardinadas

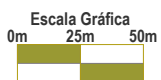
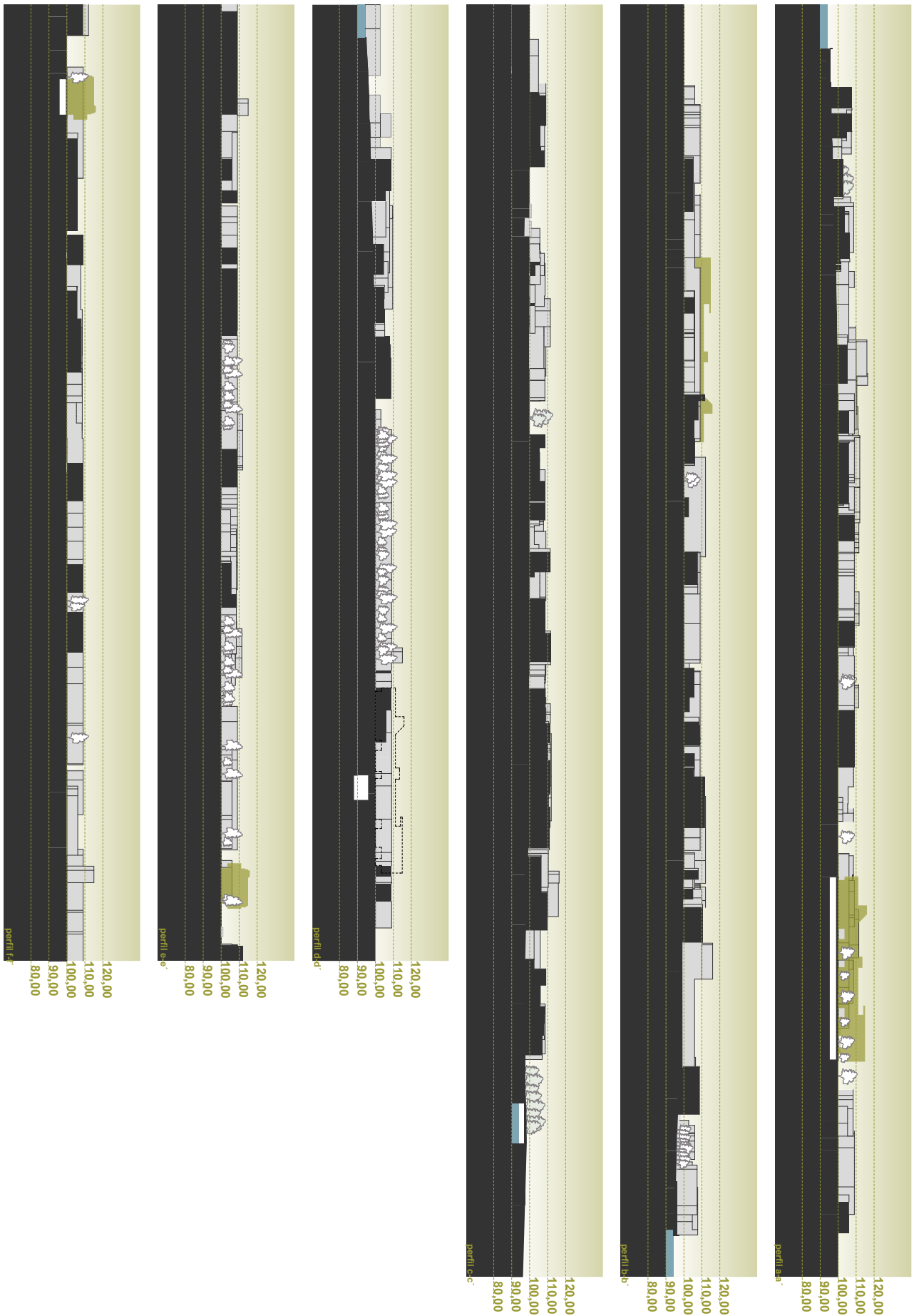


Escala Gráfica  
0m 50m 100m



Figura 49- Perfis

- elementos em corte
- centro expositivo
- edifícios envolventes
- céu
- ria de aveiro





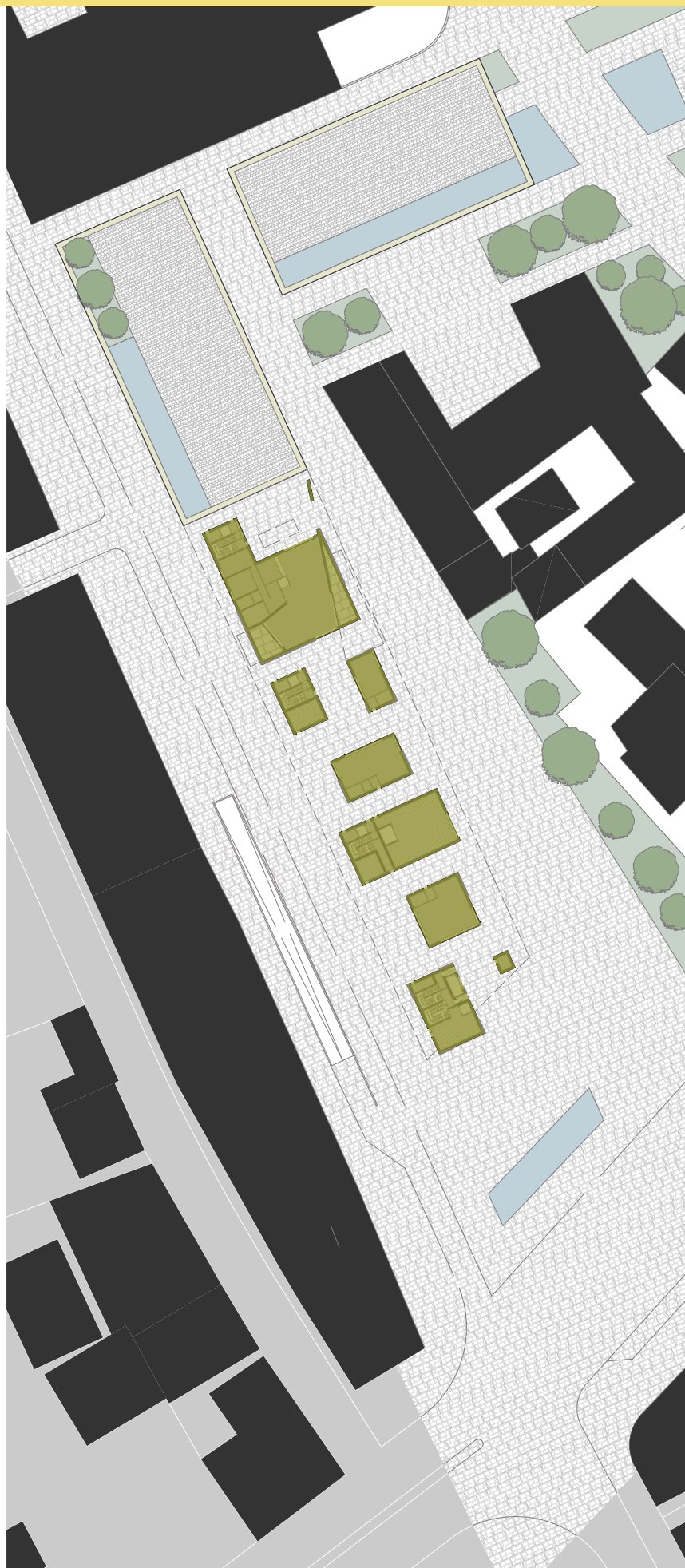


**CENTRO EXPOSITIVO**



Figura 50– Planta de Implantação (Centro Expositivo)

- edifícios envolventes
- área exterior da muralha
- área interior da muralha  
lajetas de granito
- área de implantação do  
centro expositivo  
1086,23m<sup>2</sup>
- lajetas de granito (praças)
- áreas ajardinadas
- espelhos de água



Escala Gráfica  
0m 10m 20m



Figura 51– Planta do Piso -1

■ elementos em corte

■ mosaico cerâmico

■ betonilha afagada

01 acesso ao parque de estacionamento

02 distribuição  
10,47 m<sup>2</sup>

03 zona técnica  
10,99 m<sup>2</sup>

04 caixa de escadas  
9,98 m<sup>2</sup>

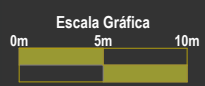
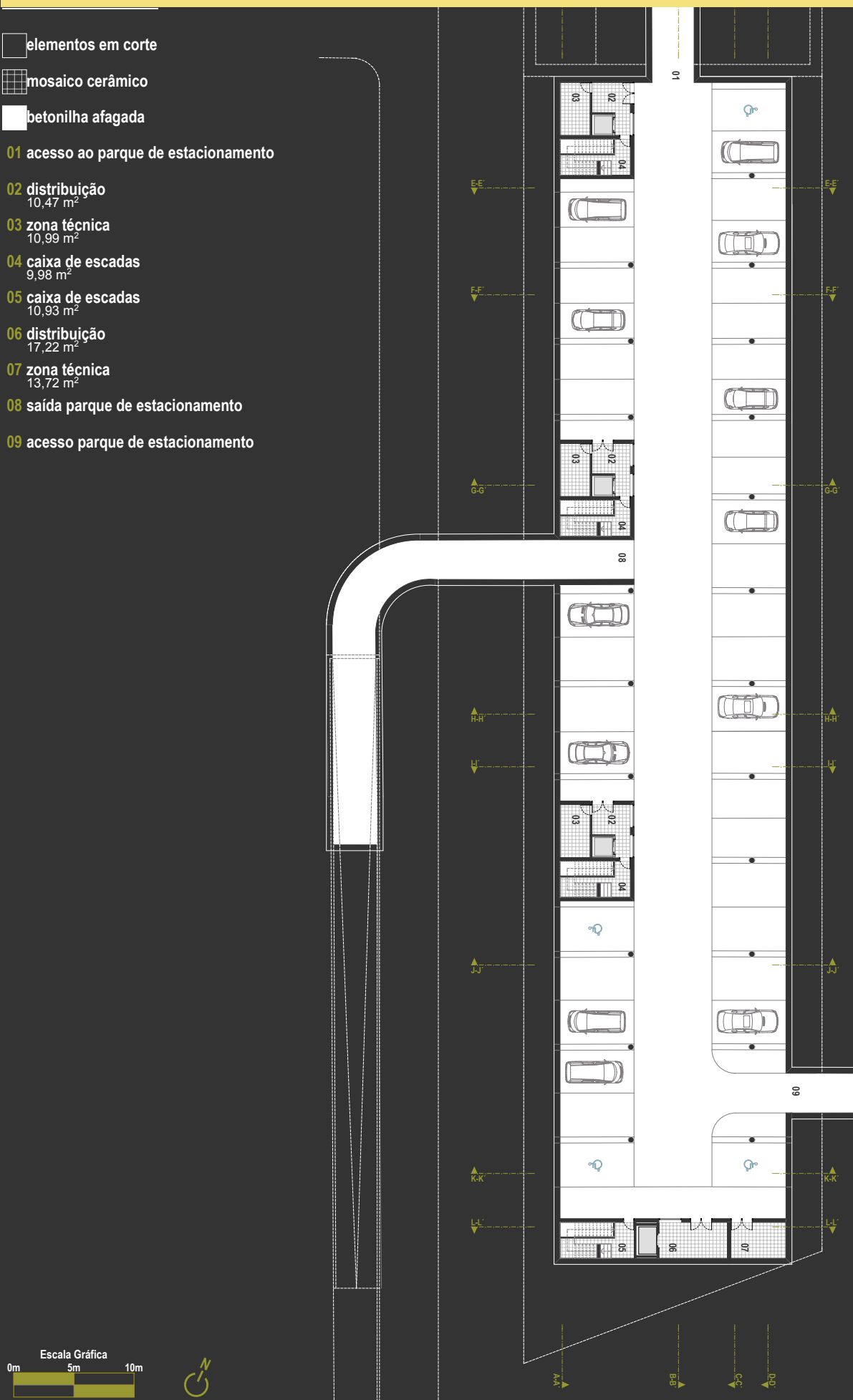
05 caixa de escadas  
10,93 m<sup>2</sup>

06 distribuição  
17,22 m<sup>2</sup>







07 zona técnica  
13,72 m<sup>2</sup>

08 saída parque de estacionamento

09 acesso parque de estacionamento



**Figura 52– Planta do Piso 0**

-  elementos em corte
-  mosaico cerâmico
-  betonilha afagada
-  soalho em madeira
-  lajetas em granito
-  espelho de água

- 01** átrio  
56,38 m<sup>2</sup>
- 02** recepção  
13,76 m<sup>2</sup>
- 03** distribuição  
2,52 m<sup>2</sup>
- 04** acesso estacionamento  
1,56 m<sup>2</sup>
- 05** saída de emergência  
2,64 m<sup>2</sup>
- 06** sala de reuniões  
19,03 m<sup>2</sup>
- 07** distribuição  
21,26 m<sup>2</sup>
- 08** gabinete de trabalho  
18,20 m<sup>2</sup>
- 09** zona de cacifos  
3,02 m<sup>2</sup>
- 10** instalação sanitária  
5,47 m<sup>2</sup>
- 11** arrumos  
13,74 m<sup>2</sup>
- 12** zona de espera  
89,21 m<sup>2</sup>
- 13** pátios interiores
- 14** espaço polivalente  
32,02 m<sup>2</sup>
- 15** instalação sanitária  
5,26 m<sup>2</sup>
- 16** distribuição  
2,79 m<sup>2</sup>
- 17** zona técnica  
4,40 m<sup>2</sup>
- 18** arrumos  
22,11 m<sup>2</sup>
- 19** espaço internet  
71,62 m<sup>2</sup>
- 20** distribuição  
2,61 m<sup>2</sup>
- 21** cargas/descargas exposição  
107,90 m<sup>2</sup>
- 22** saída de emergência  
8,39 m<sup>2</sup>
- 23** zona técnica  
16,26 m<sup>2</sup>
- 24** biblioteca  
77,95 m<sup>2</sup>
- 25** instalação sanitária  
5,76 m<sup>2</sup>
- 26** zona técnica  
4,64 m<sup>2</sup>
- 27** acesso estacionamento  
3,76 m<sup>2</sup>
- 28** saída de emergência  
4,88 m<sup>2</sup>
- 29** arrumos  
5,93 m<sup>2</sup>
- 30** armazém café  
39,26 m<sup>2</sup>

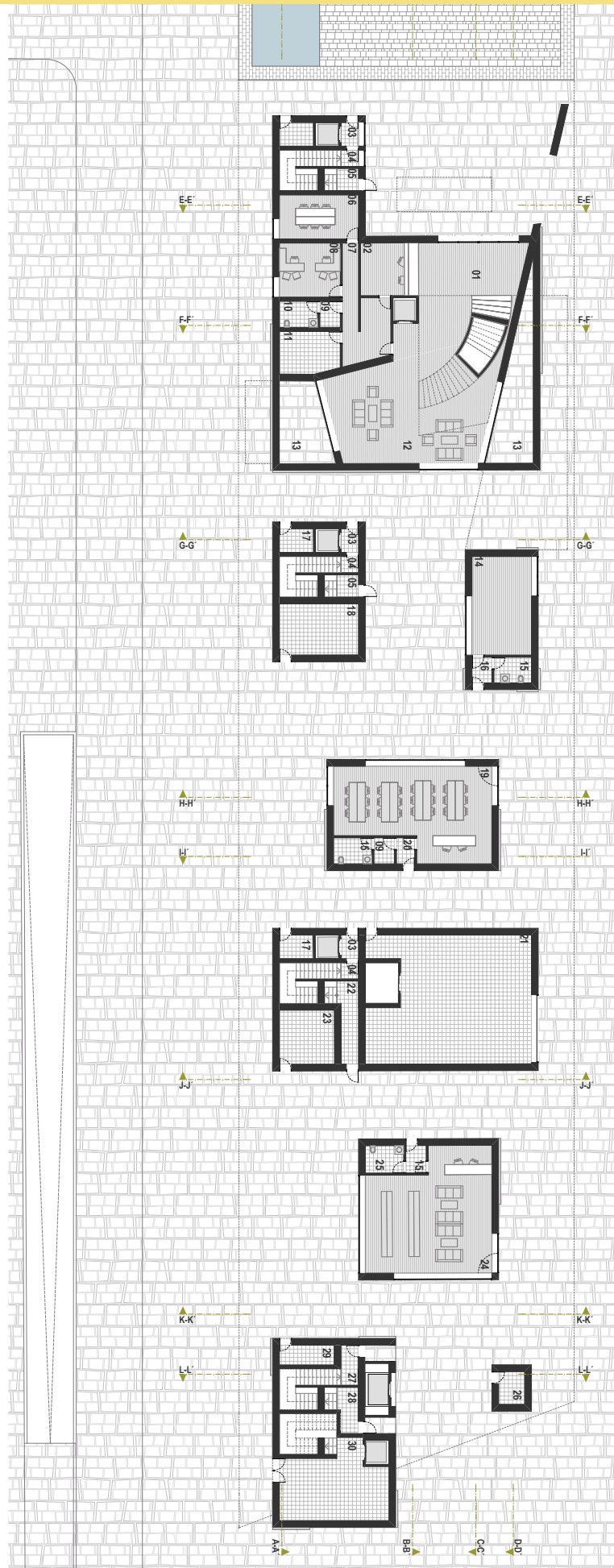
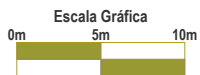


Figura 53– Planta do Piso 1

■ elementos em corte

▤ mosaico cerâmico

□ betonilha afagada

▨ soalho em madeira

▤ lajetas em granito

■ espelho de água

01 gabinete

19,74 m<sup>2</sup>

02 gabinete

17,60 m<sup>2</sup>

03 sala de reuniões

46,94 m<sup>2</sup>

04 gabinete

15,11 m<sup>2</sup>

05 gabinete

17,52 m<sup>2</sup>

06 saída de emergência

4,50 m<sup>2</sup>

07 distribuição/zona de descanso

91,89 m<sup>2</sup>

08 instalação sanit. - deficientes

5,33 m<sup>2</sup>

09 distribuição

9,03 m<sup>2</sup>

10 instalação sanitária - homens

14,58 m<sup>2</sup>

11 instalação sanitária - mulheres

12,11 m<sup>2</sup>

12 instalação sanit. - deficientes

5,32 m<sup>2</sup>

13 instalação sanitária - mulheres

23,23 m<sup>2</sup>

14 instalação sanitária - homens

22,81 m<sup>2</sup>

15 foyer

113,11 m<sup>2</sup>

16 zona de espera

35,51 m<sup>2</sup>

17 varanda

46,90 m<sup>2</sup>

18 zona técnica

32,00 m<sup>2</sup>

19 espaço expositivo

1 285,55 m<sup>2</sup>

20 zona de cargas/descargas

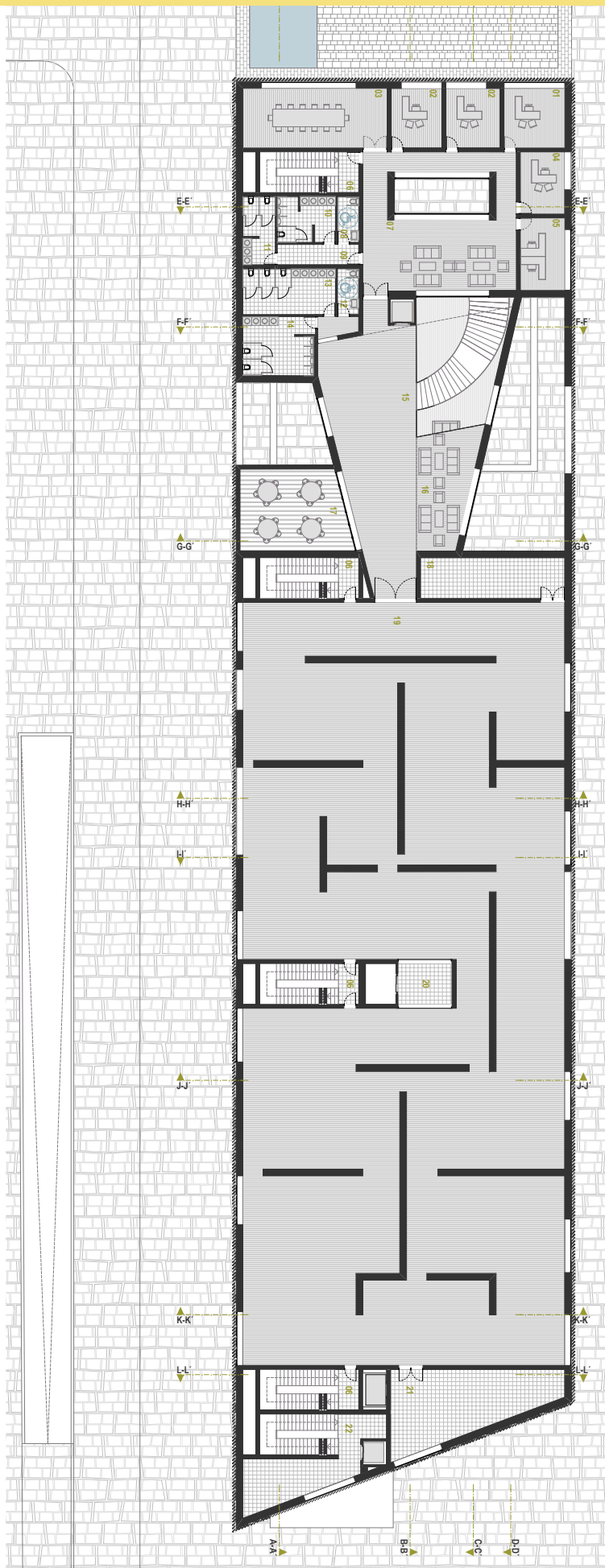
12,13 m<sup>2</sup>

21 arrumos







57,66 m<sup>2</sup>

22 circulação privada café

33,12 m<sup>2</sup>



**Figura 54– Planta do Piso 2**

-  elementos em corte
-  mosaico cerâmico
-  betonilha afagada
-  soalho em madeira
-  lajetas em granito
-  espelho de água
- 01** saída de emergência  
4,76 m<sup>2</sup>
- 02** espaços cobertos de lazer
- 03** café  
179,15 m<sup>2</sup>
- 04** distribuição  
23,41 m<sup>2</sup>
- 05** bar  
37,93 m<sup>2</sup>
- 06** copa  
22,21 m<sup>2</sup>
- 07** instalação sanitária  
20,67 m<sup>2</sup>
- 08** circulação  
18,25 m<sup>2</sup>
- 09** instalação sanit. - deficientes  
5,32 m<sup>2</sup>
- 10** instalação sanitária - mulheres  
23,23 m<sup>2</sup>
- 11** distribuição  
8,48 m<sup>2</sup>
- 12** instalação sanitária - homens  
22,81 m<sup>2</sup>
- 13** saída de emergência  
8,87 m<sup>2</sup>
- 14** acesso vertical privado apoio ao café  
7,21 m<sup>2</sup>

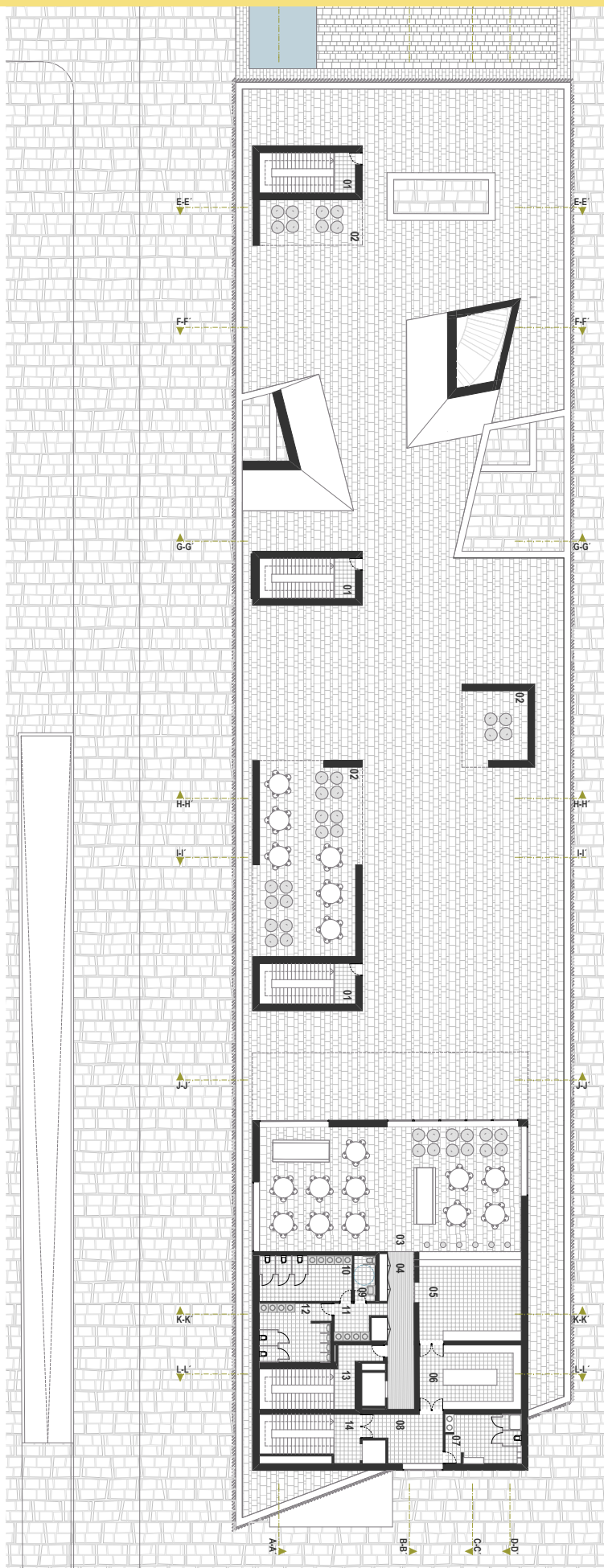










Figura 55– Planta de Cobertura

-  clarabóia em vidro
-  seixo rolado
-  betão aparente branco
-  lajetas em granito (cobertura)
-  lajetas em granito
-  espelho de água

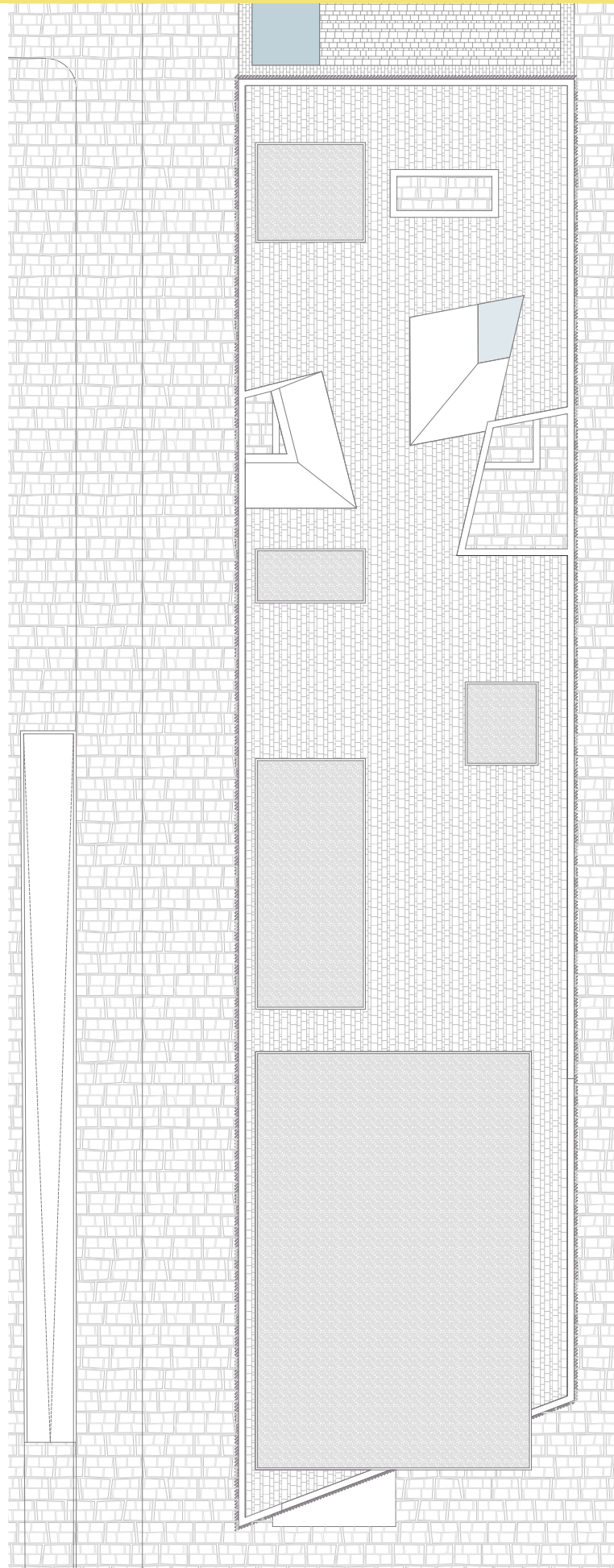


Figura 56- Cortes

- elementos em corte
- céu
- betão branco aparente
- vidro
- espelho de água

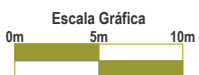


Figura 57- Cortes

- elementos em corte
- céu
- betão branco aparente
- vidro
- espelho de água



Figura 58- Cortes

elementos em corte
  betão branco aparente
  espelho de água
  céu
  vidro

Escala Gráfica  
 0m 5m 10m

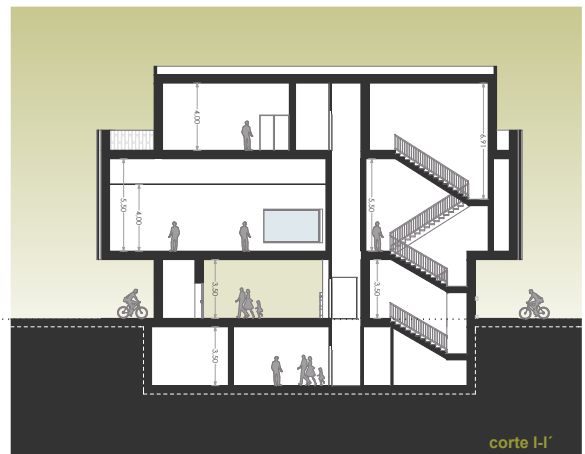
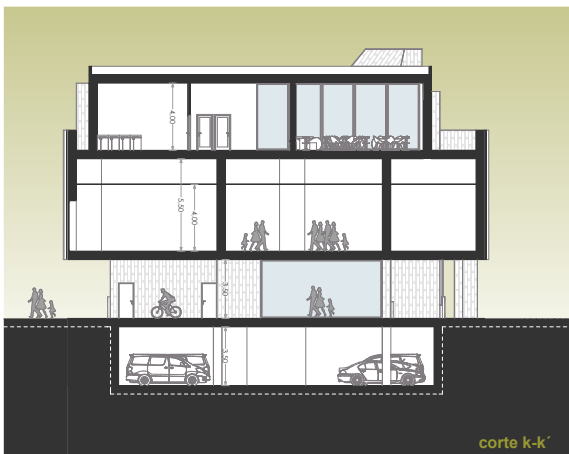
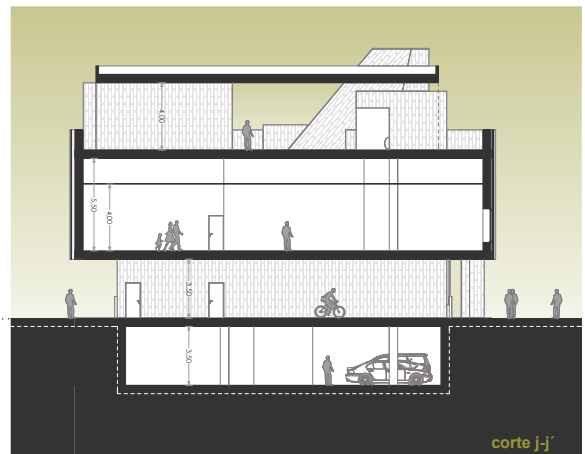
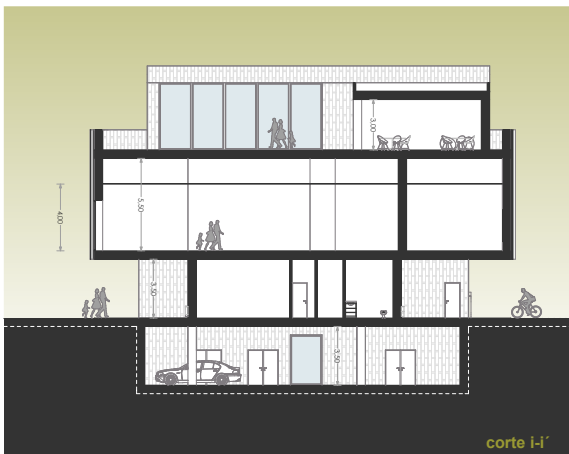
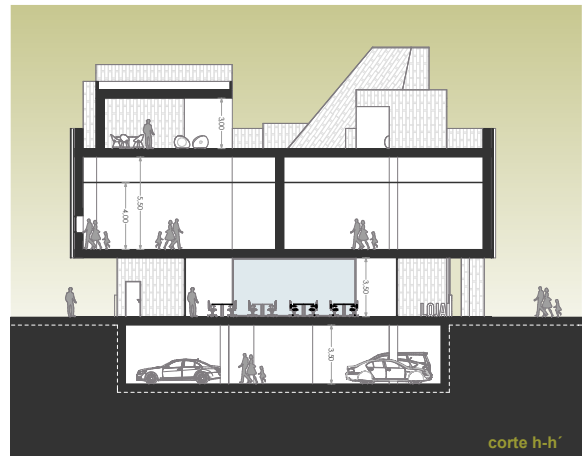
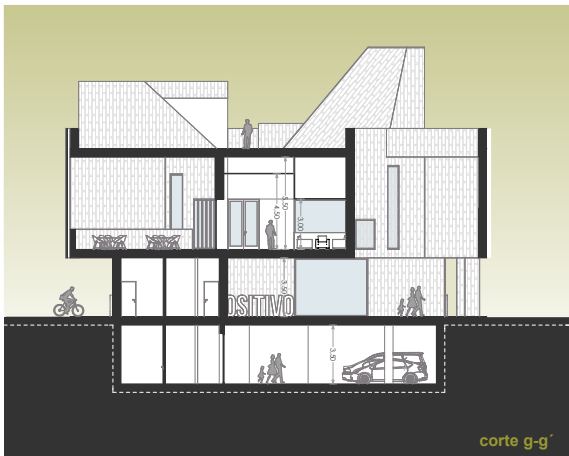
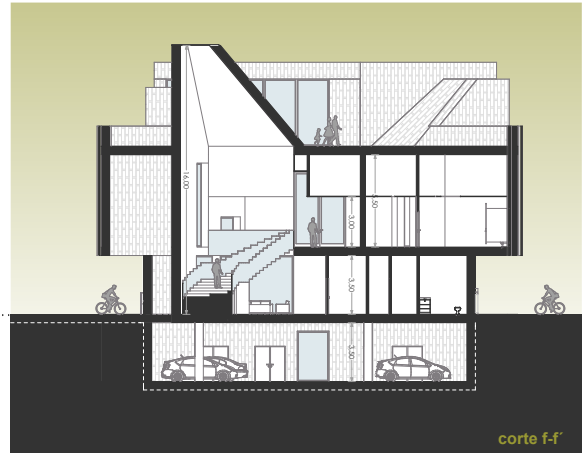
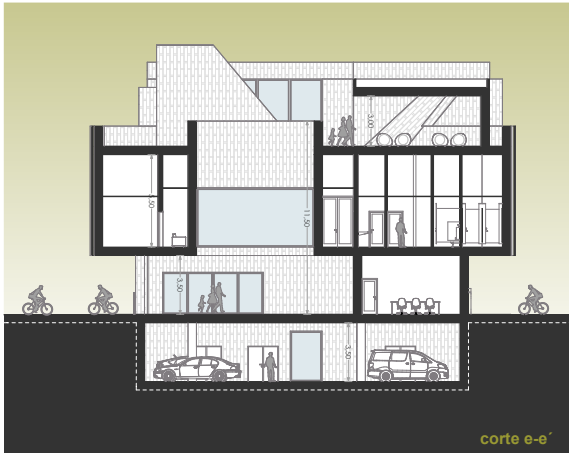







Figura 59– Alçados

- elementos em corte
- céu
- betão branco aparente
- vidro
- ripado em madeira tom ocre



Escala Gráfica  
0m 5m

Figura 60– Alçados

-  elementos em corte
-  céu
-  betão branco aparente
-  vidro
-  ripado em madeira tom ocre

